

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

LAURIANY BRAQUINO DE SOUZA

**MCS DE MÚSICA URBANA NO ESTADO DE SÃO PAULO E A
TRANSFORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: DA RESISTÊNCIA CULTURAL À
ADAPTAÇÃO DIGITAL**

RIBEIRÃO PRETO
2025

LAURIANY BRAQUINO DE SOUZA

**MCS DE MÚSICA URBANA NO ESTADO DE SÃO PAULO E A
TRANSFORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: DA RESISTÊNCIA CULTURAL À
ADAPTAÇÃO DIGITAL**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Faculdade de Jornalismo da
Universidade de Ribeirão Preto como requisito
básico para a conclusão do Curso de
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Alves de
Barcellos

Ribeirão Preto
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, que com todo amor do mundo me ensinou o valor da comunicação antes mesmo de eu pensar em ser jornalista. O seu sonho se mantém vivo em mim todos os dias.

À minha avó, por cada cuidado silencioso e por toda a força que me sustentou nos dias em que eu precisei lembrar de onde venho.

À espiritualidade que tem aberto caminhos, ao amor de Mãe Iemanjá e Pai Oxóssi, que sustentaram meus passos durante toda graduação.

À música, e sobretudo, ao hip hop, que me ajudou a encontrar algo que eu nem sabia estar procurando.

Aqui eu pude ser grande.

RESUMO

O hip hop surgiu na década de 70 como expressão das periferias urbanas e, desde então, segue se transformando. O projeto aborda as transformações na comunicação dos MCs paulistas com a mídia, explorando como esses artistas passaram de uma relação de resistência à mídia tradicional para a criação de estratégias independentes em plataformas digitais. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, combinando análise documental e entrevistas para compreender as mudanças nesse cenário. O estudo será apresentado no formato de um podcast narrativo, dividido em cinco episódios de aproximadamente 10 minutos cada. O objetivo do estudo é contextualizar historicamente a relação dos MCs com a mídia, desde o começo da música urbana no Brasil até as mudanças no cenário atual, considerando aspectos de convergência midiática e hibridismo cultural para compreender essas mudanças.

Palavras-chave: Jornalismo. Música Urbana. Comunicação. Mídia. São Paulo. Jornalismo Cultural.

ABSTRACT

Hip hop emerged in the 1970s as an expression of urban peripheries and has continued to transform ever since. The project addresses the transformations in the communication of São Paulo MCs with the media, exploring how these artists transitioned from a relationship of resistance to traditional media to the creation of independent strategies on digital platforms. The research follows a qualitative approach, combining documentary analysis and interviews to understand the changes in this landscape. The study will be presented in the format of a narrative podcast, divided into five episodes of approximately 10 minutes each. The objective of the study is to historically contextualize the relationship of MCs with the media, from the beginning of urban music in Brazil to the changes in the current landscape, considering aspects of media convergence and cultural hybridity to understand these changes.

Keywords: Journalism. Urban Music. Communication. Media. São Paulo. Cultural Journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	9
1.2. JUSTIFICATIVA.....	9
1.3 OBJETIVOS.....	10
1.3.1 Objetivo geral.....	10
1.3.2 Objetivos específicos.....	10
2. METODOLOGIA.....	11
2.1 Procedimentos da pesquisa.....	12
2.2 Etapas de desenvolvimento.....	12
3. DETALHAMENTO TÉCNICO.....	14
4. RELATOS DE PRODUÇÃO.....	18
5. CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	21
APÊNDICES.....	23
APÊNDICE A - Episódio 1 com Thaide.....	23
APÊNDICE B - Episódio 2 com KL Jay.....	29
APÊNDICE C - Episódio 3 com Guri MC.....	33
APÊNDICE D - Episódio 4 com Caveirinha.....	37
APÊNDICE E - Episódio 5.....	42
APÊNDICE F - Decupagem 1º episódio.....	46
APÊNDICE G - Decupagem 2º episódio.....	50
APÊNDICE H - Decupagem 3º episódio.....	53
APÊNDICE I - Decupagem 4º episódio.....	56
APÊNDICE J - Decupagem 5º episódio.....	59

1. INTRODUÇÃO

O movimento hip hop é uma manifestação cultural originada nos guetos de Nova Iorque, mais precisamente da área do Bronx e em Chicago, na década de 1970. O estilo surgiu como um meio de expressão e resistência para jovens marginalizados, combinando elementos artísticos como rap, *break dance*, grafite e *DJing*. Desde o início, o hip hop se estabeleceu como uma cultura de rua que abrange protestos sociais através da música e dança e foi um canal para expressar a revolta contra questões como a Guerra do Vietnã, desemprego e preconceito racial. No Brasil, o hip hop chegou nos anos 1980, com a popularidade do *break dance*. Aqui, a cultura hip hop ganhou mais força com a difusão com o rap, que logo se tornou uma importante ferramenta de denúncia social. Porém, a relação dos MCs com a mídia tradicional no início foi marcada por tensões, já que os artistas não apareciam em programas de televisão e as músicas não eram tocadas em rádio por conta da duração, o que dificultou o processo de divulgação do gênero musical e seus artistas. Segundo Ice Blue (PODPAH, 2021), integrante do Racionais MCs, um dos pontos para o embate entre a grande mídia e os rappers era a falta de representatividade de pessoas negras na televisão e a falta de conhecimento sobre o movimento hip-hop e rap. Sem espaços nos grandes veículos, a música dos Racionais se espalhou por meios alternativos, com um papel essencial da venda pirateada de suas canções.

Ao longo dos anos seguintes, o rap passou por um processo de expansão e reconfiguração, tornando-se um dos gêneros musicais mais exitosos comercialmente na indústria da música. Em 2015, o *Spotify* informou que o rap era o gênero musical mais consumido mundialmente em sua plataforma de streaming. O fato foi confirmado pela pesquisa apresentada pela Nielsen (2017), ao demonstrar que o gênero musical se tornou o mais consumido nos Estados Unidos, superando inclusive o rock.

No Brasil, o consumo do subgênero do rap, o trap, tem aumentado, o que reflete essa expansão do rap no mercado musical. O trap é um estilo musical derivado do hip-hop jamaicano da década de 1960. O termo originalmente se referia a locais associados ao tráfico de drogas. Ao longo de décadas, o gênero musical reverbera em diversos países. No Brasil, o ritmo musical ainda cruza com influências do funk, sertanejo e outros ritmos brasileiros.

Segundo uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo (2023), o gênero trap contou com um crescimento exponencial do consumo. Ainda de acordo com o texto, desde 2020

houve um aumento de 81% no tempo de reprodução desse gênero na plataforma de *streaming* *Spotify*.

Entretanto, a chegada desses ritmos ao *mainstream* e a números altos de consumo carrega uma história de resistência, adaptação e evolução no relacionamento com a mídia tradicional. Muitos MCs de música urbana no Brasil, em especial no estado de São Paulo, optaram por uma postura de resistência à mídia tradicional, criticando o papel das grandes emissoras e veículos de comunicação na difusão de narrativas que, segundo eles, não representavam a realidade da periferia. Um dos grandes exemplos é o grupo de rap Racionais MC 's. Segundo Sousa (2015), essa resistência inicial destacou o rap como uma “ferramenta de luta pelo reconhecimento de direitos das minorias políticas”, afirmando sua relevância social e cultural.

O gênero musical até os dias atuais é atrelado à política, seja nos discursos dos artistas, nas expectativas da crítica e na cobrança do público. O cenário ganha um peso maior na medida em que estes MCs brasileiros marcam uma presença ainda maior no *mainstream*. O grupo Racionais MC 's se destacou na cena musical paulista e nacional não apenas por suas letras, mas também, por sua postura política, de busca por alguma conscientização das massas afrodescendentes contra sua condição de subalternos. A carreira do grupo foi conduzida por tomadas próprias de decisões estratégicas, tanto estéticas quanto de marketing.

Porém, ao longo das décadas seguintes, o rap começou a ser absorvido pelo mercado cultural e pela mídia tradicional, sem perder completamente seu caráter de resistência. Atualmente, Mano Brown, líder do Racionais MC's por exemplo, utiliza o *podcast* “Mano a Mano” como um canal independente para alcançar um público diverso, ao mesmo tempo em que rappers estabelecem parcerias comerciais com marcas e empresas como as casas de apostas, afirmando que em uma nova fase, estes artistas não só aceitam a visibilidade midiática, mas também exploram oportunidades de monetização em setores anteriormente distantes do universo musical.

A inserção do rap no mercado cultural foi incluída pela ampliação de espaços sociais e institucionais para o hip-hop no Brasil, especialmente por meio de políticas públicas que viabilizaram eventos e projetos culturais nas periferias urbanas. O rap tornou-se uma expressão multifacetada que, mesmo diante das adversidades impostas pelo mercado, mantém um forte caráter contestatório e transformador, sendo interpretado como o último fôlego de um movimento negro já combalido e desmobilizado. Associando-o a um forte sentido de denúncia social, esse gênero musical foi definido por Kellner (2001, p. 230) como uma

espécie de “fórum cultural onde os negros urbanos podem expressar experiências, preocupações e visões políticas”.

Nesse cenário, torna-se essencial analisar como os MCs paulistas negociaram sua presença pública ao longo do tempo, transitando da rejeição à mídia tradicional para a construção de autonomia e estratégias próprias de circulação. Esse trabalho busca investigar essa trajetória, compreendendo os impactos dessa exposição midiática na independência artística e na promoção de suas mensagens sociais. O estudo se ancora na produção de um podcast narrativo, formato que integra pesquisa documental, entrevistas e storytelling para propor uma narrativa acessível e aprofundada sobre o tema.

O método foi escolhido por sua capacidade de alternativa relevante, que se adapta à rotina acelerada dos cidadãos que buscam se manter informados de maneira prática. Com um simples fone de ouvido e uma plataforma de distribuição, o jornalista conecta histórias e informações ao público de forma acessível e envolvente. Este formato promove uma comunicação mais acessível, interativa e aprofundada, podendo levar a temática da pesquisa especialmente para jovens marginalizados, que nem sempre são letrados ou possuem tanto acesso para consumir o conteúdo em outras plataformas. Diante das transformações tecnológicas e das novas dinâmicas de consumo de conteúdo, a resposta para a questão “como o jornalismo pode se aproximar mais da sociedade e criar um espaço de diálogo que permita a divulgação de informações de maneira mais completa e acessível?” É simples e aparece no formato de podcast, como ressalta Melo (2019) “O podcast traz consigo a característica de abordar diversos assuntos fora da curva dos grandes veículos de comunicação, possibilitando abordagens mais aprofundadas”.

Além disso, a linguagem como o conteúdo será conduzido é importante, algo que flui como uma conversa dentro do formato podcast. Pensando que este conteúdo deve permear entre pesquisadores a jovens de periferia, o podcast é capaz de conectar o conteúdo ao receptor. O podcast também se qualifica como um espaço que segue os princípios da Comunicação Não-Violenta, que permite uma troca mais empática, equilibrada e aberta entre emissor e receptor. Melo (2019) enfatiza que:

Deve-se priorizar uma linguagem que utilize palavras positivas ao invés de negativas, ou seja, pedir o que realmente se quer e não aquilo que não se quer. Um ponto a ser frisado é que um pedido pode ter conotação de exigência caso o receptor da mensagem identifique que pode ser punido caso não atenda a solicitação. (MELO, 2019, p.34-35)

Quando se trata de contação de história, em uma pesquisa que aborda um trajeto de resistência de pessoas marginalizadas e majoritariamente negras, é essencial que seja criado um espaço de reflexão. Melo (2019) defende: “Esse é um dos principais diferenciais do

podcast em comparação aos meios de comunicação tradicionais - traz não só fatos de maneira crua, mas um espaço para reflexão e diálogo”.

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O rap, como um dos pilares da cultura hip-hop, sempre teve um papel central na expressão das periferias, funcionando como um canal de denúncia social e resistência cultural.

No Brasil, especialmente em São Paulo, o gênero se consolidou como uma ferramenta importante na contestação e representação de pessoas marginalizadas e na realidade de locais periféricos. Apesar da popularidade do gênero musical, os artistas deste segmento por muito tempo, assumiram um posicionamento de resistência à mídia tradicional, uma vez que os grandes veículos de comunicação pouco abriam espaço para esse movimento, seja por preconceito, falta de identificação ou pelo desinteresse comercial.

Com o avanço da tecnologia e a ascensão das plataformas digitais, esse cenário começou a mudar. As redes sociais e plataformas multimídias permitiram que os MCs construíssem sua própria audiência, sem depender exclusivamente da grande mídia para alcançar o público. Atualmente, muitos artistas do segmento hip hop não apenas aceitam a visibilidade midiática, mas também exploram estratégias de monetização e marketing, criando novas dinâmicas dentro do mercado musical. Essas mudanças levantam questões e torna essencial uma análise da evolução dessa relação entre os MCs de música urbana e a mídia ao longo dos anos.

A pesquisa busca compreender a trajetória dos artistas paulistas e as mudanças de postura em relação às grandes mídias. O produto final é um podcast, que busca contar essas mudanças, ouvir MC's pioneiros do rap em São Paulo e os artistas da nova geração do hip hop, que já consolidaram suas carreiras integrando com o marketing digital e investigar como a mídia se comunicava enquanto a cultura do hip hop chegava ao Brasil. O formato de podcast é uma plataforma que permite que essa história seja contada de forma dinâmica e acessível, além de impactar um maior número de pessoas.

1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema desta pesquisa se justifica pela importância de compreender a evolução da relação entre os MCs e a mídia, analisando como um movimento historicamente marginalizado conquistou espaço e autonomia na era digital, além de buscar compreender como os grandes veículos midiáticos transformaram a forma de se comunicar, buscando mais

inclusão e atrair públicos diversos. Além disso, apesar das barreiras que o rap enfrentou em relação a divulgação na mídia devido à falta de representatividade e ao desconhecimento do gênero musical, artistas deste segmento começaram a construir suas próprias narrativas dentro de plataformas digitais, expandindo a visibilidade e influência da música de rap. Dessa forma, a pesquisa buscou investigar não apenas a trajetória dessa transformação, mas também os impactos da inserção midiática no discurso e na identidade artística dos MCs.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

- O objetivo desta pesquisa é analisar a evolução da relação entre a mídia e os MCs paulistas de música urbana.

1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a resistência dos MCs paulistas à mídia tradicional, analisando motivos que levaram à rejeição dos grandes veículos enquanto o rap ainda se popularizava no Brasil.
- Analisar a transformação da mídia e sua maior abertura a música urbana e os artistas deste segmento, identificando fatores que contribuíram para essa mudança.
- Avaliar e explorar as estratégias utilizadas pelos rappers para se promoverem e como a escolha delas influencia a sua relação com o público e o mercado musical.

2 METODOLOGIA

A pesquisa que fundamenta este trabalho adota uma abordagem qualitativa exploratória com base em um estudo de caso, análise documental e entrevistas semi estruturadas a fim de explorar as nuances da relação dos MCs com a mídia ao longo das últimas décadas. De acordo com Gil (2002), o estudo de campo se diferencia do levantamento por buscar um maior aprofundamento das questões propostas, destacando a interação entre os componentes do grupo estudado. Além disso, seu planejamento permite uma maior flexibilidade no percurso investigativo e favorece o aprofundamento de fenômenos sociais complexos, como as tensões históricas entre artistas periféricos e os grandes veículos de comunicação.

O projeto inicia com uma pesquisa documental sobre o histórico de resistência do rap à mídia tradicional. Foram consultadas produções acadêmicas, reportagens históricas, registros jornalísticos e materiais audiovisuais relacionados à cena paulistana. Esse mapeamento inicial serviu como base conceitual e histórica para a construção do roteiro das entrevistas. As entrevistas foram realizadas em formato semi estruturado, permitindo aprofundar aspectos relevantes sem engessar as respostas. Para Trivños (1987, p. 146), esse método de entrevista, com formulação de perguntas que seriam básicas para o tema a ser investigado “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. Esse tipo de entrevista, assim como argumenta Manzini (1990/1991), pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Paralelamente à pesquisa teórica e às entrevistas, foi desenvolvido o produto midiático: um podcast narrativo dividido em cinco episódios, cada um com cerca de 10 a 15 minutos. O formato foi selecionado por sua capacidade de integrar narrativa jornalística, dados históricos e depoimentos dos MCs, possibilitando ao público uma compreensão mais imersiva sobre as transformações midiáticas vividas por esses artistas. O podcast se apresenta como uma ferramenta adequada às dinâmicas contemporâneas de consumo de conteúdo, permitindo maior alcance e acessibilidade, sobretudo por ser adaptável a rotinas cheias e a plataformas gratuitas de distribuição, permitindo que a pesquisa impacte um público ainda maior.

2.1. Procedimentos da pesquisa

A primeira etapa consistiu na revisão teórica sobre cultura urbana, mídia e comunicação. A mídia tradicional se trata de uma espécie de mídia oficial, enquanto a arte não. Ambas, porém, apresentam formas de produções semióticas, que circulam na sociedade atual, influenciando e sustentando dimensões de subjetivação social (Guattari, 2006). Essa abordagem ajuda a compreender como os MCs, inicialmente marginalizados pela mídia tradicional, chegaram a explorar novos meios para ampliar seu alcance e diversificar suas vozes. Em seguida, foram analisados documentos e materiais voltados à trajetória do rap paulista, incluindo estudos culturais, reportagens, entrevistas e produtos audiovisuais. Essa análise documental possibilitou compreender a resistência inicial dos MCs à grande mídia, marcada pela luta por representatividade e pela construção de redes independentes de circulação cultural. As entrevistas complementam a etapa documental ao trazer relatos que evidenciam tanto a resistência inicial quanto a posterior adaptação dos artistas às plataformas digitais. As falas dos MCs permitiram observar de que maneira as redes sociais remodelaram as estratégias de divulgação, profissionalização e consolidação da autonomia artística.

2.2. Etapas de desenvolvimento

Com os dados teóricos e empíricos organizados, o desenvolvimento da pesquisa foi estruturado de maneira integrada, a partir de quatro movimentos analíticos complementares. Inicialmente, realizou-se uma contextualização teórica e histórica que reuniu os principais conceitos necessários para compreender as tensões entre a cultura hip-hop e a mídia tradicional, delineando os elementos que sustentam a discussão sobre resistência e representação periférica. Em seguida, a investigação se debruçou sobre a resistência inicial dos MCs aos grandes veículos, observando como esses artistas criaram redes paralelas de circulação cultural e estratégias alternativas de divulgação em um contexto de exclusão midiática. Posteriormente, analisou-se a integração dos MCs às redes digitais, como *YouTube* e *Instagram*, para se conectarem diretamente com seus públicos. Essa democratização do conteúdo cultural permitiu que os artistas, antes restritos aos meios tradicionais, agora possam “hackear” o sistema cultural dominante. Néstor García Canclini aborda o conceito central de sua obra sobre “hibridismo cultural” esse tipo de resistência. Ele propõe uma visão de como diferentes práticas culturais se entrelaçam, especialmente entre a cultura popular e a de massa, criando novas formas de expressão que desafiam e subvertem as estruturas culturais

dominantes. Esta "hibridação" seria um movimento que, ao alterar elementos de diversas esferas culturais, poderia ser visto como uma forma de questionar ou "*hackear*" as normas do sistema cultural vigente. Por fim, o estudo realizou uma comparação entre práticas tradicionais e contemporâneas de comunicação, identificando como as estratégias atuais, que incluem parcerias comerciais, produção independente e uso intensivo de recursos digitais coexistem, tensionam ou substituem modelos midiáticos anteriores. De acordo com os estudos de Laurence Bardin, a hibridização de práticas midiáticas cria oportunidades de diálogo entre o convencional e o inovador, redefinindo o papel de ambos os modelos. Esse conjunto de etapas, articulado de maneira contínua, permitiu observar de forma aprofundada as transformações na relação entre os MCs paulistas e os sistemas de mídia ao longo do tempo.

3. DETALHAMENTO TÉCNICO

O produto midiático desenvolvido para este Trabalho de Conclusão de Curso é o podcast *Antes do Hype*, composto por cinco episódios, cada um com uma duração média de 10 a 15 minutos. O projeto propõe discutir o processo de independência midiática dos MCs de rap, funk e trap, analisando desde a chegada do hip hop ao Brasil até a conquista da autonomia digital desses artistas.

A escolha do formato em podcast se justifica pela sua natureza dinâmica e acessível, que permite ao público consumir conteúdo informativo enquanto realiza outras atividades cotidianas. Além disso, trata-se de um formato que cresce de forma constante no Brasil, especialmente entre os jovens, consolidando-se como uma ferramenta relevante de jornalismo contemporâneo, como apontam estudos sobre o avanço da podosfera brasileira e sua consolidação como meio informativo e de entretenimento. (MIKAELA, 2025).

O produto é composto por uma temporada com cinco episódios que exploram a trajetória da música urbana paulista, do surgimento do hip hop até a consolidação digital dos MCs de rap e trap. Cada episódio apresenta uma abordagem cronológica e temática, acompanhada por entrevistas exclusivas com artistas que vivenciaram diferentes fases desse movimento, trilhas sonoras, além de sonoras originais e efeitos que reforçam a ambientação e a narrativa.

O primeiro episódio aborda a história do hip hop e sua chegada ao Brasil. O entrevistado é Thaide, um dos pioneiros do hip hop nacional, cuja trajetória ajuda a compreender o início da cena no país e a construção da identidade do rap brasileiro. Esse episódio conta com trilhas como “Sobrevivendo no Inferno”, dos Racionais MCs, “Hip Hop Na Veia”, de Thaíde e DJ Hum, “Music - The Disco” e “Hip Hop Funk”, da plataforma Envato, além de efeitos sonoros da mesma plataforma, como o som de “volta no tempo” e sirenes de bombeiros. As sonoras do próprio Thaide também são incorporadas à narrativa.

O segundo episódio aprofunda a relação entre o hip hop e a mídia tradicional, analisando o percurso de resistência e, posteriormente, de adaptação dos artistas às lógicas midiáticas brasileiras. O entrevistado é KL Jay, DJ e integrante dos Racionais MC 's, figura central na consolidação da estética do rap nacional e na crítica às desigualdades sociais. O episódio articula trechos musicais e sonoros que ajudam a contextualizar a discussão, incluindo “Vida Loka Pt. 2”, dos Racionais MCs, efeitos de scratch da plataforma Envato e trechos de programas como os podcasts Brows e o Podpah, este último com participação de Ice Blue. Também são utilizadas músicas como “Novo Balanço”, de Veigh, além de trechos

da Batalha da Aldeia e sonora do próprio KL Jay comentando o papel transformador do rap. O episódio reconstrói o embate histórico entre os MCs paulistas e a grande mídia, evidenciando como a trajetória dos Racionais tornou-se um marco de enfrentamento ao apagamento midiático.

O terceiro episódio destaca as batalhas de rima como um fenômeno cultural fundamental para a popularização do rap e para o impulso do trap entre os jovens nos anos 2010 e 2020. O entrevistado é Guri MC, representante das novas gerações que emergiram diretamente das arenas de improviso e que ajudaram a transformar as batalhas em espaços de formação artística, sociabilidade e ascensão profissional. A narrativa incorpora elementos sonoros característicos desse universo, como o tradicional “grito de batalha” da Batalha da Norte, rimas e sonoras do próprio Guri e trechos de entrevistas, como o relato de Thiago Ventura no Podpah sobre a criação da Tropa da Vents. Musicalmente, o episódio é ambientado com faixas como “MIMIMI”, do Guri, e “Triunfo – A Rua É Noiz”, do Emicida. O episódio apresenta como essas arenas tornaram-se verdadeiras escolas de criação e performance, ao mesmo tempo em que intensificaram o diálogo entre rap, trap e cultura digital.

O quarto episódio discute a virada digital do rap e a consolidação do trap como uma das tendências mais fortes do mercado musical contemporâneo. A entrevista com Caveirinha, um dos artistas mais escutados do trap brasileiro, revela como a ascensão das redes sociais e dos algoritmos de streaming transformou radicalmente a relação entre artistas, gravadoras e audiência. O episódio enfatiza o momento em que o rap deixa de ocupar exclusivamente o lugar da resistência e passa a integrar o mainstream, conectando marcas, plataformas e narrativas antes distantes do universo da música urbana. A trilha sonora inclui “Cartão Black”, de Kayblack e Caveirinha, “Vivências”, de Kayblack, “Dono da Verdade”, de Veigh e “Poetisas no Topo 3”.

O quinto e último episódio trata da autonomia digital dos MCs e discute como a internet se consolidou como um canal direto entre artistas e público, reduzindo a dependência da grande mídia e abrindo novas possibilidades de sustentabilidade artística e financeira. A narrativa reflete sobre os desafios futuros da música urbana, principalmente o equilíbrio entre autonomia criativa, algoritmos de plataformas e parcerias comerciais. A composição sonora do episódio reúne efeitos de scratch da plataforma Envato e músicas que dialogam com o tema da independência e da sensibilidade contemporânea, como “Poetisas no Topo”, “O Que a Júlia Vai Ser?”, de Ajuliacosta, “Obrigado Mainstream”, de Febem, “Se Tudo Der Errado Amanhã”, de Rashid, e “That's My Way”, de Edi Rock. As reflexões finais são guiadas pela própria narradora, Lauriany Braquino, que articula a trajetória dos MCs com a proposta

central do podcast, reforçando que, apesar da presença crescente no mercado mainstream, a essência do rap enquanto espaço de denúncia, vivência e transformação permanece.

A identidade visual do podcast foi criada através do Canva Pro, com investimento aproximado de R\$35. A logo une elementos gráficos da cultura hip hop, como megafone, microfone e brilhos. Além de contar com uma paleta de cores sóbrias e modernas, que mesclam um tom claro de amarelo e vermelho.

O produto foi produzido totalmente no laboratório de rádio da Unaerp, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. A edição e gravação contou com a colaboração do radialista responsável pelo local, Andrei Violante.

O podcast será publicado inicialmente no Spotify, principal plataforma de distribuição, conforme as autorizações de direitos autorais das canções permitirem. Por último, as coletas das sonoras de cada entrevistado só foram possíveis graças ao portal de notícias independente Rap em Foco, que também foi responsável pela divulgação dos episódios em suas redes sociais.

Figura 1



Fonte: Arquivo pessoal

4. RELATOS DE PRODUÇÃO

O podcast *Antes do Hype* foi desenvolvido em formato storytelling, composto por cinco episódios, com duração média entre 10 a 15 minutos cada. Desde o início, uma das principais dificuldades encontradas foi a disponibilidade das fontes, já que muitos dos artistas convidados são nomes consagrados no cenário musical e residem fora de Ribeirão Preto. No entanto, a escolha pelo formato narrativo, e não por uma mesa-redonda ou entrevistas longas, facilitou o processo, pois permitiu que as perguntas fossem pontuais e que as respostas pudessem ser enviadas em formato de áudio via WhatsApp e entrevistas via Google Meet, agilizando a comunicação e o andamento da produção.

O programa contou com um suporte técnico para gravação e edição dos episódios, com a colaboração de Andrei Violante, que esteve à disposição para garantir a qualidade sonora e técnica do material. Para cada episódio, foi elaborado um roteiro específico, baseado em pesquisas aprofundadas, incluindo artigos acadêmicos, documentários, álbuns musicais e conversas com assessorias de imprensa dos artistas.

A seleção dos convidados teve um papel fundamental para o desenvolvimento do projeto. Cada participante contribuiu com suas vivências e perspectivas pessoais, ajudando a compor um panorama rico e plural sobre o tema da independência midiática dos MCs. Essa diversidade de experiências permite que o ouvinte se transporte para dentro dessa realidade, compreendendo melhor o contexto de resistência, evolução e autonomia dos artistas retratados. Os episódios foram disponibilizados na plataforma Spotify, com divulgação nas redes sociais do veículo independente Rap em Foco, que acompanhou todo o processo e auxiliou na mediação entre os artistas e o podcast *Antes do Hype*.

Durante a produção, foi necessário superar barreiras pessoais e profissionais, como o medo e a insegurança de entrar em contato com artistas e assessorias, um desafio comum na prática jornalística. Essa etapa foi essencial para o amadurecimento do projeto e também para o meu crescimento enquanto futura jornalista, aprendendo a pressionar por prazos sem perder a paciência e o respeito pelos processos de profissionais com agendas lotadas.

Outro aspecto desafiador foi a curadoria dos conteúdos, bem como a seleção de trilhas e efeitos sonoros, fundamentais para construir a atmosfera imersiva que o formato storytelling exige. O objetivo foi fazer com que o ouvinte se mantivesse conectado ao áudio durante toda a duração do episódio, deixando-se conduzir pela voz, pelo som e pelas emoções evocadas.

Ao longo do processo, não apenas aprofundi meu conhecimento sobre uma cultura que tanto admiro, mas também aprendi mais sobre mim mesma e o papel do jornalismo na

valorização das expressões periféricas e urbanas. A divulgação do projeto pelo Rap em Foco foi igualmente importante, ampliando o alcance do podcast, atraindo novos públicos e reforçando a credibilidade junto às assessorias, que se mostraram satisfeitas com o resultado final e passaram a republicar o conteúdo, expandindo a audiência, especialmente na capital paulista, foco central do trabalho.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do projeto permitiu compreender de forma mais profunda o processo de independência midiática dos MCs de música urbana, sobretudo no contexto paulista. A pesquisa demonstrou que esses artistas, antes marginalizados pela mídia tradicional, reconstruíram suas trajetórias de visibilidade a partir da autonomia digital, transformando as redes sociais, os videocliques e os conteúdos independentes em ferramentas legítimas de comunicação e representação.

O processo de produção do podcast reforçou a importância de novas formas de fazer jornalismo cultural, que se aproximem da linguagem, da estética e da sensibilidade dos sujeitos retratados. Optar por um formato narrativo, e não por entrevistas convencionais, possibilitou construir uma experiência mais imersiva, conectando o público ao universo dos artistas e valorizando suas falas de maneira orgânica e respeitosa. Essa escolha se mostrou coerente com a proposta do trabalho, que busca dar voz a quem historicamente teve suas expressões silenciadas ou mal interpretadas pela grande mídia.

Durante a pesquisa e a produção, também se evidenciou o desafio de lidar com as dinâmicas do mercado musical contemporâneo, no qual a autonomia conquistada pelos artistas convive com novas formas de dependência como as parcerias comerciais, os algoritmos das plataformas e as negociações com marcas e casas de apostas. Esse cenário mostra que a independência midiática é um processo em constante construção, marcado por tensões entre liberdade criativa, visibilidade e sustentabilidade econômica.

Por fim, o *Antes do Hype* reafirma o papel do jornalismo como ponte entre culturas e públicos, propondo um olhar mais justo e sensível sobre a produção musical periférica. O trabalho evidencia que os MCs não dependem mais da validação da grande mídia para existir enquanto artistas, pois são hoje protagonistas de suas próprias narrativas e compreender esse movimento é fundamental para pensar o futuro da comunicação, da música e da cultura urbana no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ETAIN. **Podcast no Brasil: o crescimento da mídia digital no país**. Sua Imprensa, 9 jan. 2025. Disponível em: <https://suaimprensa.com.br/blog/podcast-no-brasil-o-crescimento-da-midia-digital-no-pais/>.
- GUATTARI, F. (2006). **Caosmose: Um novo paradigma estético. Quarta reimpressão**. Jardim Botânico, RJ: Editora 34.
- GARCÍA, J. **Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, [data de publicação]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/garcia/garcia.pdf>.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf.
- GUIMARÃES, C. (2008). **Jornalismo Desmanchado no ar: o fragmento como método no discurso pós-moderno**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MELO, Ana Caroline de. (2019) O PODCAST COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO NO JORNALISMO. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo)** - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/17420/1/AMelo.pdf> >. Acesso em 21 de mar. de 2025.
- NIELSEN MUSIC. (2017) **year-end music report**, US. Nova Yorke, Nielsen, 2017,38p.
- PODPAH. **ICE BLUE - Podpah #91**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0eEC42Lotfg>. Acesso em: 24 de março de 2025.
- SANTOS, F. M. dos. **Análise De Conteúdo: A Visão De Laurence Bardin**. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI: 10.14244/%19827199291. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>.
- SEIXAS, L. (2009). **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação**. Labcom. Disponível em: https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf
- SOUSA, Jocimara Rodrigues de. **Rap, Rupturas e Continuidades: Uma análise sobre a relação entre o Rap e a Mídia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SOUZA, B. **Trap e o funk transformam as playlists e impactam o rap no streaming**. Folha de S.Paulo, 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/sons-da-perifa/2023/08/trap-e-o-funk-transformam-as-playlists-e-impactam-o-rap-no-streaming.shtm>. Acesso em: 21 nov. 2024

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Episódio 1 com Thaide



ROTEIRO PODCAST

ANTES DO HYPE		Lauriany Braquino de Souza
Data: 13/07/2025	Horário:	Duração: 30 minutos
Siglas: TÉC. = Técnica LOC. = Locutor VH. = Vinheta		

LOC.: Lauriany

Olá, eu sou a Lauriany Braquino e você está ouvindo o *Antes do Hype*.

TÉC: VH - ANTES DO HYPE

LOC.: Lauriany

Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream.

LOC.: Lauriany

Pra entender onde tudo começou, a gente precisa voltar no tempo,

TÉC: BG FITA CASSETE VOLTANDO

TÉC: Enquanto eu falo entrar beat de disco music bem baixinho

Lá no finalzinho dos anos 60, comecinho dos anos 70, onde Nova York parecia ser o centro do mundo. Os clubes ferviam ao som da disco music, aquela pegada dançante, chique, que todo mundo associa com brilho, luz estroboscópica, John Travolta e pistas cheias. A era do luxo exagerado. A cidade parecia vibrante demais.

Mas essa era só uma parte da história.

Enquanto Manhattan brilhava, o Bronx principalmente a área sudoeste queimava. Literalmente.

TÉC: SIRENE BOMBEIRO - ENVATO

Uma série de incêndios destruiu mais de 80% dos edifícios existentes na área. Algumas vezes o fogo era causado por gangues, mas principalmente por proprietários querendo receber o seguro.

As ruas inteiras estavam destruídas. Não era incomum andar por quadras que pareciam

cenários de guerra.

O Bronx estava afundado numa decadência urbana pesada. Era violência policial, assaltos, falta de emprego, escolas sucateadas e pais sobrevivendo com ajuda do governo.

Enquanto a elite dançava com glitter e taça de champanhe, o povo do Bronx tentava sobreviver. E mais do que sobreviver, eles precisavam de algo. Precisavam de perspectiva. De um caminho. E foi aí que surgiu uma resposta.

TÉC BG: Ultramagnetic MC's - Funky (Original 12")

LOC.: Lauriany

DJ Kool Herc, um jamaicano que morava no prédio 1520 da Sedgwick Avenue.

Tudo começou numa festa. Exato, uma festinha de prédio. Onde o DJ, decidiu tocar só os “breaks” das músicas, sabe? Aqueles trechos sem voz, só batida. A galera pirou. E aí, no embalo, começaram a rimar por cima das batidas.

Sem saber, Kool Herc tava acendendo a primeira faísca do hip hop. Só que o hip hop não era só o som. Ele era o corpo no chão com o break dance, era a arte no muro com o grafite, era a batida do DJ e o microfone dos MCs. Era resposta, era protesto, era uma forma de levar luz para a escuridão. Era também o grito da juventude preta e latina dizendo: “a gente tá aqui.”

O hip hop demorou um pouco pra atravessar o mapa. Mas quando chegou aqui no Brasil, bateu forte.

Nos anos 80, o hip hop começou nas ruas e praças de São Paulo com o break dance. A galera colava com rádio a pilha, espelho no chão e mandava ver. Mas não demorou pro rap entrar pesado. E aqui no Brasil, diferente do que rolou no começo lá no Bronx, o som já chegou com missão.

Lá fora, o hip hop nasceu como festa, era protesto também, claro, mas era mais pra se afirmar, pra se divertir e ocupar espaço.

Aqui ele ganhou uma função muito clara: denunciar a violência policial, racismo, desemprego e gente vivendo com o mínimo.

TÉC: INÍCIO DE RACIONAIS CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3 - HENCRER |

“60% dos jovens de periferia

Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial

A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras

Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros

A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”

LOC.: Lauriany

Aí veio a geração que mudou tudo: Racionais MCs, DMN, Consciência Humana, Realidade Cruel. Gente que botou a vida em cima do beat.

TÉC: TRECHO - CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3 - 1:50 a 2:06

*“Uni-duni-tê o que eu tenho pra você
Um Rap venenoso ou uma rajada de PT
E a profecia se faz como previsto
1997, depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra vez
Racionais, capítulo 4, versículo 3.”*

LOC1.: Lauriany

Essa geração não só trouxe rimas afiadas, mas consolidou o rap como parte do hip hop brasileiro.

Naquele momento, as quatro bases do movimento estavam bem firmes: o DJ, o MC, o grafite e o break dance. E em São Paulo, especialmente, a cena crescia nas ruas, nas estações de metrô, nas praças e nos bailes de periferia.

Era comum ver crews de dança se apresentando no Largo São Bento, com gente de todos os cantos da cidade reunida pra dançar, rimar e pintar.

Aliás, o Largo São Bento virou praticamente um “marco zero” do hip hop nacional, e é reconhecido até hoje, com eventos e celebrações que relembram sua história e legado.

E no meio dessa efervescência estava um dos nomes mais importantes para o início dessa história: Thaíde.

TÉC: HIP HOP NA VEIA - THAÍDE - 0:49 A 1:10

*“Como faz eu vou te ensinar
Como faz para injetar
Se você quer esquecer dessa vida cheia
Esqueça e aplique, então
Hip hop na veia
Até quando você vai se segurar
Sabendo que não há fuga dessa teia*

*Se você quer esquecer dessa vida cheia
Esqueça e aplique, então
Hip hop na veia”*

TEC: SONORAS THAÍDE

“O hip hop chegou aqui no Brasil em meados de 82 e teve seu ápice em 85. Nesse período eu ajudei na fundação de três gangues, a primeira foi Panteras Negras, a segunda Dragon Breakers, e a terceira Backspin, e Backspin até hoje está em atividade. A primeira imagem que eu vi de hip hop foi através da TV, eu vi alguém dançando break, girando de costas. Como eu era dançarino, já dançava soul, funk na época, então eu entendi aquilo como uma transição, uma evolução, uma continuação do que eu já fazia. Então, eu quis aprender aquilo imediatamente. Na verdade, não sabíamos do que se tratava realmente, né. Bem no início, a gente achava que era um movimento de dança que a gente podia se expressar, dançar e tal, e o tempo foi passando e a gente foi entendendo que a cultura hip hop, que também além da dança tem o grafite, tem a música rap, tem o DJ, e eu comecei a entender, que a cultura hip hop, especificamente a música rap tinha mensagens sérias, mensagens importantes, políticas, através dos videocliques. Quando eu comecei a ver os videocliques, porque não tínhamos internet naquela época, o que chegava pouco para gente era revistas, que geralmente falavam sobre a dança em si, que é muito importante mas não é a única coisa. Não é o único elemento da cultura hip hop. A cultura hip hop tem quatro elementos básicos como eu acabei de dizer, o rap, o breaking, o grafite e o DJ, então, para gente entender isso demorou um tempo. Mas, a partir do momento que começamos a fazer parte

dessa cultura ou permitir que essa cultura fizesse parte da nossa vida, levamos muito a sério, com muito respeito. Qual era a dificuldade de fazer rap naquela época? Eram todas as dificuldades, todas. Não se tinham estúdios nas quebradas. Na quebrada onde eu morava, por exemplo, eu não me lembro de ter um estúdio ali. Então a gente tinha que sair, atravessar a cidade, muitas vezes você passava três horas só pra chegar num ponto, chegar no estúdio e gravar meia hora, uma hora, e depois voltar de novo para sua casa, então ali era no mínimo duas horas de viagem. Eu cansei de ficar três horas na rua, só pegando ônibus e metrô para chegar no estúdio e gravar. Era bem difícil. As pessoas não conheciam esse tipo de música, não era uma música que tocava toda hora na rádio, ainda não tínhamos os ídolos do rap nacional naquela época. Era bem difícil, bem difícil mesmo. Fora a repressão policial, né? Mas valeu a pena. Um dos momentos mais marcantes para mim, foi quando eu tive que explicar para o público o que era rap, eu não sei se alguém fez isso aqui no Brasil, mas eu fiz, eu lembro que era uma festa, um baile na zona Leste, não lembro qual era a equipe. Eu tinha duas músicas só na época, que era “Corpo Fechado” e “Homens da Lei”, essas músicas ainda não tinham sido lançadas, elas tinham acabado de ficar prontas, e como elas iriam sair em uma coletânea, nós tínhamos um tempo ainda para esperar os outros produtores, os outros artistas terminarem as músicas para o disco ser lançado, então eu estou falando aí, vamos dizer, que eu estou falando entre três, quatro meses antes do disco ficar pronto. Mas eu já fazia pequenas apresentações, e eu expliquei pro pessoal ‘vou fazer uma música aqui, chamada rap. Um estilo novo que tá chegando no país, e eu espero que vocês gostem. É uma música que fala dos nossos problemas, da nossa realidade’. Aí tinham algumas pessoas que viraram as costas, outras não queriam ouvir, sabe como que é? Outras pediam ‘samba-rock de novo’, e foi complicado, mas também aquela lembrança que me vem com um certo carinho, sabe? Eu, graças a Deu, fui, fui não, sou um desbravador do rap brasileiro, to na atividade até hoje, graças a Deus. O que mudou de lá pra cá na cultura hip hop posso dizer sem medo de errar: tudo mudou. Tudo mudou. Hoje nós temos estúdios espalhados por todo lugar, inclusive no celular, eu faço. Acho que eu tenho umas cinco músicas gravadas, que eu fiz no meu celular. Nós temos grandes nomes do grafite, grandes nomes do DJ, grandes nomes de tudo, todos os elementos, sabe? Do breaking, do grafite, DJ, rap. Você pesquisa, que você vai ver, você vai encontrar grandes destaques, e isso foi conquistado com muito sofrimento, muito suor e sangue também. Conseguimos popularizar uma música que denuncia as mazelas, que aponta o dedo na cara de quem precisa ser apontado.

Colocamos o dedo na ferida. É uma música de protesto. O hip hop não inventou nada, o hip hop reinventou tudo, e dessa forma reinventou esse que vos fala. É o Altair Gonçalves, que tem seu alter ego Thaíde, que foi forjado pela cultura hip hop. A partir dessa cultura, eu me tornei dançarino, repórter, apresentador, ator, produtor, jornalista e estou em atividade até hoje. Então, eu só tenho a agradecer a cultura hip hop por isso. Vamo que vamo, que o hip hop não pode parar.

LOC1.: Lauriany

O relato do Thaíde deixa claro que o hip hop não era só música. Era identidade, era pertencimento, era resistência cultural mesmo antes de se tornar resistência política explícita.

Nos anos 90, com a popularização dos CDs, das fitas cassete e dos programas de rádio

voltados para as quebradas, o hip hop brasileiro se espalhou por outros estados.

Mas São Paulo manteve um papel central nessa história, revelando MCs, DJs, b-boys e grafiteiros que até hoje são referência.

E foi assim que o hip hop construiu suas raízes no Brasil.

No próximo episódio, a gente vai falar sobre como esse movimento, que nasceu nas ruas, acabou batendo de frente com a grande mídia.

Até a próxima!

TEC: SOBE SOM DE MÚSICA DE ABERTURA |

APÊNDICE B - Episódio 2 com KL Jay



ROTEIRO PODCAST

ANTES DO HYPE		Lauriany Braquino de Souza	
Data: 13/07/2025	Horário:	Duração: 5 minutos	
Siglas: TÉC. = Técnica LOC. = Locutor VH. = Vinheta			

Episódio 2: Rap como resistência e a história do Racionais na mídia | com KL Jay

LOC.: Lauriany

Olá, eu sou a Lauriany Braquino e você está ouvindo o *Antes do Hype*.

TÉC: VH - ANTES DO HYPE

LOC.: Lauriany

Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream.

O **Antes do Hype** é uma produção que conta com apoio do **Rap em Foco**, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

No episódio passado, a gente voltou para os anos 80 e 90 para entender como o hip hop nasceu e chegou ao Brasil.

Hoje, a conversa é outra: a gente vai falar sobre resistência, sobre como o rap se mantinha firme mesmo quando a mídia tradicional fingia que ele nem existia. E claro, sobre como o Racionais MCs, um dos maiores grupos da música brasileira, decidiu construir a própria narrativa, longe das câmeras.

TÉC: Música Racionais MCs - Vida Loka pt 2 - 0:13 a 0:20

“Deixa eu falar pra você, tudo, tudo vai, tudo é fase, irmão. Logo mais vamos arrebentar no mundão”.

LOC.: Lauriany

Antes de ocupar capas de revistas, festivais, streaming e timelines inteiras, o hip hop teve que trilhar um caminho bem mais difícil.

Na real, por muito tempo, o movimento foi ignorado, ou até mesmo distorcido, pela

televisão, pelo rádio, pelos jornais.

O rap era visto como uma ameaça, não como cultura. Além de ser frequentemente associado ao crime, a visão que tinham do movimento é que era algo para se manter longe.

E um corte do podcast Brows retrata bem isso.

TÉC: Trecho de Podcast Brows - 0:28 a 0:52

“O rap nacional sempre foi muito mal compreendido. O meu pai não deixava eu ouvir rap para você ter noção. Ele tinha um preconceito. Eu quando explico para os caras, eles até entendem o lado do meu pai. Cara imagina, a gente morava em uma periferia da cidade, quando ele chegava do trampo tinha um monte de moleque na esquina vendendo droga e ouvindo Racionais. O cara tá no crime, tá ouvindo essa música, se meu filho ouvir essa música vai acontecer o que com ele? Vai entrar no crime amanhã. Ele falou que eu não podia ouvir rap.”

LOC.: Lauriany

Mas isso não impediu o crescimento. Pelo contrário.

Mesmo sem um grande apoio dos grandes veículos, o rap cresceu nas ruas, nas praças e nas quebradas. Era cultura feita entre iguais.

E lá pelos anos 2000, a gente começa a ver uma virada.

O rap nacional, que já vinha conquistando respeito, passa a ganhar espaço na grande mídia.

Com o tempo, o gênero foi ganhando reportagens especiais, programas de auditório, matérias em revistas e, mais recentemente, séries e documentários de streaming que tratam o rap com a seriedade que ele sempre mereceu.

Hoje em dia, nomes como Emicida, Mano Brown, Criolo, Marcelo D2 e Filipe Ret estão protagonizando narrativas que antes eram apagadas. E o mais importante: são eles que estão contando essas histórias.

O rap assumiu a sua própria narrativa.

E para saber como isso tudo aconteceu, a gente precisa entender o que é o rap e como ele se desdobrou em diferentes vertentes.

TÉC: Scratch de DJ

O rap é um dos pilares da cultura hip hop. Uma linguagem de protesto, de denúncia social, mas também de criatividade, estilo, inteligência e sobrevivência.

Nas últimas décadas, ele se multiplicou. E uma das vertentes que mais ganhou força é o trap.

TÉC: TRECHO DE ‘NOVO BALANÇO’ - VEIGH - 0:51 a 1:01

“É bem mais fácil ser visto agora

*Hoje que nós tá forte, pra você, serviu
E não era assim, onde nós chega, nós forga.”*

LOC.: Lauriany

O trap surgiu nos Estados Unidos, mas se espalhou pelo mundo.

No Brasil, ele misturou o peso do hip hop com o ritmo do funk, do sertanejo, e outras influências bem locais.

A música urbana, que nasceu à margem, hoje reina nas playlists.

Mas esse sucesso todo carrega uma história de resistência.

Lá nos anos 90, colocar um clipe de rap no ar era missão quase impossível.

Eu fui trocar uma ideia com KL Jay, o DJ dos Racionais MCs e um dos maiores nomes da cultura hip hop no Brasil, para entender melhor esse começo e por que, mesmo sem mídia, aconteceu esse crescimento absurdo.

TEC: Sonora entrevista KL Jay

“Ele sempre foi né, usado. O rap começou assim também, né. O rap é como se fosse, vamos dizer assim, o pai que muito jovem não teve. Um irmão mais velho que muita gente não teve. O rap é como se fosse um poste de luz em uma rua escura pra te direcionar o caminho. Através do rap são contadas histórias que muita gente vive, que muita gente se identifica, através do rap são dados conselhos que ninguém dá, através do rap, por exemplo, você tira a pessoa do vício da droga, tira a pessoa do crime. É uma música que tem um poder de influência muito grande, e é a música da rua, né. Então, o rap tem feito isso no passar dos anos, cada época é de um jeito, cada período tem um comportamento diferente, mas o rap continua influenciando milhões de gerações, né, milhões de jovens, milhões de pessoas através da música.”

LOC.: Lauriany

O KL Jay deixa claro: o rap sempre foi uma espécie de guia, um escudo, um caminho, a educação. E isso nunca dependeu da mídia, dependia da rua.

TEC: Trecho Batalha da Aldeia 315 - Jotapê x Barreto - 5:26 a 5:31

“Quando eu rimo, eu prego amor, eu prego a paz, antes de ter uma bíblia na minha mão, eu tinha o álbum do Racionais”.

LOC.: Lauriany

E foi exatamente a rua que deu ao Racionais o espaço que faltava em outras mídias.

Em uma entrevista ao Podpah, o Ice Blue contou uma história que diz muito sobre aquele momento. Ele explicou que, no começo, o disco do Racionais não tocava no rádio, não apareciam em programas mas rodavam através dos camelôs.

O camelô foi o verdadeiro distribuidor do rap brasileiro. Foi ele que colocou o álbum do Racionais no ouvido da quebrada, muito antes de qualquer plataforma.

Quando o grupo percebeu que o camelô era peça essencial na divulgação, eles abraçaram esse corre. E venderam o CD original diretamente para fonte, fortalecendo quem já fortalecia.

Com o sucesso nas ruas, os convites começaram a aparecer. Porém, o grupo disse “não”.

Mas por quê?

Na mesma entrevista ao Podpah, Blue afirma que eles não se enxergavam ali. A TV não falava a língua deles. Não tinha gente parecida com eles na tela.

Além da mídia ainda não entender o que era o gênero ‘rap’. Então, o Racionais escolheu não estar onde não havia pertencimento.

TEC: Trecho Entrevista Podpah Ice Blue - 1:3 a 3:8

“Primeiro, nós era de um estilo que não existia. Não existia musicalmente, não era considerado música. [...] Mas se você prestar atenção, não existia negros na grande mídia, principalmente na nossa época, então por que nós iríamos na grande mídia se não tinha nenhum semelhante meu lá?”.

LOC.: Lauriany

O hip hop cresceu sem pedir licença e se tornou um dos movimentos mais poderosos do país, mesmo quando a mídia não queria ouvir.

E se hoje em dia o rap tá em todo lugar, é porque ele um dia precisou resistir para existir.

Eu fico por aqui. Até o próximo episódio!

APÊNDICE C - Episódio 3 com Guri MC



ROTEIRO PODCAST

ANTES DO HYPE		Lauriany Braquino de Souza	
Data: 13/10/2025	Horário:	Duração: 16 minutos	
Siglas: TÉC. = Técnica LOC. = Locutor VH. = Vinheta			

Episódio 3: Da Batalha ao palco: como as rimas viraram movimento | com Guri MC

LOC.: Lauriany

Olá, eu sou a Lauriany Braquino e você está ouvindo o *Antes do Hype*.

TÉC: VH - ANTES DO HYPE

LOC.: Lauriany

Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream.

O **Antes do Hype** é uma produção que conta com apoio do **Rap em Foco**, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

No episódio passado, a gente falou sobre como a mídia olhava, ou fingia não olhar para o rap. Dessa vez, a gente vai mergulhar nas raízes das batalhas de rima e entender como elas ajudaram a fortalecer o gênero musical em todo o país.

TÉC: Grito Batalha da Norte

“Essa porra é sem corte, isso é Batalha da Norte. O que vocês querem ver? Sangue!”

O hip hop nasceu nas ruas do Bronx, cresceu nas periferias de São Paulo e se espalhou pelo país inteiro. Mas isso a gente já sabe.

As batalhas de rima no Brasil começaram de forma orgânica, na rua, longe dos holofotes. Com um microfone improvisado, caixas de som trazidas de casa e MCs se revezando no improviso e testando criatividade, agilidade mental e, principalmente, resistência.

TÉC: Batalha de rima Guri - refrigerante

“Mano, mas quantas batalhas você não viu que teve grito pra caralho e acima do baixo nível. Por isso eu não quero ouvir os gritos, meu parceiro, eu só quero ouvir freestyle de alto nível. Se você não tá entendendo o que eu digo, por isso que hoje você vai cair. Até

porque as maiores punchlines não tem os gritos, é igual refrigerante, quando abre faz 'tsss'.

LOC.: Lauriany

Esse movimento, que tem raízes na cultura hip hop dos anos 1990 e 2000, encontrou no improviso um espaço de afirmação.

Nas periferias, rimar era, e ainda é mais que um jogo de palavras. É disputar a narrativa, se afirmar no espaço público e resistir. Com o tempo, as batalhas se multiplicaram em várias cidades brasileiras.

São Paulo se consolidou como referência com a Batalha da Santa Cruz, no coração da capital. Mas logo em seguida, em diferentes cantos do país, surgiram palcos improvisados para o rap. E das calçadas, as batalhas passaram a ocupar praças, metrô, grandes avenidas.

O público cresceu, e a juventude encontrou ali não só entretenimento, mas também um caminho possível, e rimar passou a ser alternativa de vida. Era mais do que talento: era oportunidade.

TÉC: SONORA GURI MC SE APRESENTANDO - 1:2 a 1:10

"Salve, salve. Quem está falando aqui é João Lucas, mais conhecido como Guri MC, artista independente da cidade de Ribeirão Preto."

TÉC: SONORA GURI MC COMO COMEÇOU NAS BATALHAS - 1:26 a 2:20

"Eu comecei a rimar na Batalha Sangue Na 7, que acontece na praça 7 de Setembro, em Ribeirão Preto. Em dezembro de 2016, eu comecei após passar pela fase complexa do luto do meu avô e estava ainda confuso em relação a como eu sentia e o que eu sentia. A morte é uma parada muito difícil de lidar e é o grande enigma da humanidade, né? O que fazer com a sensação do amor que perdura depois que uma vida não está mais presente. E eu estava passando por esse momento quando eu conheci as batalhas presencialmente. Eu já assistia pelo YouTube, achava maneiro, sempre consumi a cultura hip-hop de alguma maneira, sendo alguns dos elementos e sempre consumi a música rap também e consumi as batalhas mais como entretenimento assim, mas, no momento em que eu vi pessoalmente a primeira vez, isso mudou minha vida e na semana seguinte eu já tava rimando sem saber rimar, tá ligado?"

LOC.: Lauriany

Guri é parte de uma leva de artistas que viu o microfone se transformar em ferramenta de ascensão. E conforme as batalhas foram ganhando visibilidade, a estrutura também mudou.

Com mais organização, visibilidade e dinheiro investido, o que antes era pura improvisação em espaços públicos e urbanos, virou projeto, com agenda, produção e até patrocínio.

O Thiago Ventura contou em uma entrevista ao Podpah como surgiu a Tropa da Vents, que conta com um grupo de MCs.

TÉC: THIAGO VENTURA FALANDO SOBRE TROPA DA VENTS - 2:51 a 2:54 / 4:6 a 4:22 / 6:3 a 6:8

"Eu queria poder dar uma ajuda de custo para eles, mano. [...] Ai eu juntei os moleques tudo um dia e falei assim 'oh rapaziada, quero trocar uma ideia de fazer uma aula de canto, vamos ter um lugar pra vocês pelo menos ter onde se encontrar, vamos se juntar

para treinar freestyle mesmo, um atacando o outro, fazer outras modalidades, tá ligado?’ [...] Eu queria que os moleques tivessem um pouco essa visão, de se não ser refém, de poder dar a carta”.

LOC.: Lauriany

Com grupos como a Tropa da Vents, os MCs tiveram a possibilidade de viver de rima. Além de organizações que abraçaram o movimento, a rua se profissionalizou oferecendo premiações em dinheiro e levando as batalhas a eventos organizados com estrutura profissional. E foi nesse mesmo momento que a internet entrou em cena. As redes sociais mudaram o jogo.

Canais de Youtube, páginas no Instagram e, mais recentemente, o Tik Tok, se tornaram vitrines.

O que antes era visto só por quem estava lá na praça, agora ganha milhões de visualizações. Os Mcs começaram a monetizar, fechar publis, e transformar o improviso em fonte de renda real. Mas é importante dizer: isso não quer dizer que ficou fácil. Ainda hoje, os MCs precisam suar muito para conseguir viver somente da rima.

Mesmo assim, esse é um pontapé inicial importante, e ele só aconteceu por causa do interesse público e da ascensão dos vídeos nas redes sociais, que fizeram o movimento ganhar visibilidade.

TÉC: SONORA GURI MC FALANDO SOBRE QUANDO PERCEBEU ESTAR GRANDE - 3:49 a 4:28

“E aí para mim aconteceu tarde, é, eu acho que teve muitas ameaças de vai acontecer e não aconteceu. A ponto de que quando realmente começou a acontecer, é, eu já não tinha tanta ansia de ficar conhecido, de ser reconhecido, de viver disso. Eu já tava num momento bem assim, tipo, última tentativa, vai. Vou parar com essa parada, tá ligado? E aí foi. Então, acho que foi a sensação, a maneira que eu lidei e o momento em que eu percebi foram todas coisas naturais. Acredito que ali por 2022 foi onde eu falei: “Oxe, a mídia fala bastante de mim agora. Oxe, o pessoal tá falando bastante Ribeirão Preto”. Então, tipo, o Guri, MC de Ribeirão Preto. Da hora, já tão olhando mais para cá.”

LOC.: Lauriany

Mas o crescimento também trouxe novos desafios. Com o olhar da mídia, veio o risco de perder o controle sobre as narrativas.

TÉC: SONORA GURI MC SOBRE A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA NA CENA - 4:59 a 5:10

“A mídia, ela não é vital para o rap acontecer e nem para o hip-hop acontecer, mas ela é vital para o hip-hop, rap e batalhas de rima teriam um efeito viral, tá ligado? Então, a importância que a mídia tem dentro do movimento é a de espalhar a mensagem, chegar em mais pessoas de maneira mais imediatista”.

TÉC: MIMIMI - GURI - 1:8 a 1:18

*“A morte do rap fede a mídias de internet
Que dão ctrl c, ctrl v nos posts do Centro das Batalhas
Só muda a marca d'água, de quem faz menos
Que nóis, mas lucra com a nossa cara”*

TÉC: Sonora Guri sobre como a mídia pode contribuir para atrair pessoas ‘ignorantes’ - 6:23 a 6:30

“Mas a gente tem recrutado pessoas que tão de chapéu, que não fazem ideia do que tá acontecendo por causa do jeito que a mídia trata parada hoje em dia, tá ligado?”

LOC.: Lauriany

A mídia tanto ajuda a amplificar quanto pode simplificar o que o movimento construiu.

TÉC: SONORA GURI MC FALANDO SOBRE COMO ELE VÊ A MÍDIA - 6:31 a 7:10

“Então, para mim, a mídia é uma faca de dois gumes, é uma faca onde o cabo tá no meio, ela tem duas lâminas e uma tá apontada pra gente e a outra tá apontada porque a gente realmente deveria estar destruindo e combatendo, tá ligado? E às vezes a gente se fere mais do que combate. É isso. Então, tipo, eu sou um cara bem cri cri, bem chatinho com a mídia, tá ligado? Tipo, para mim, eu tô falando de um jeito educado, mas para mim é fogo neles, para mim tá tudo errado. Os caras usam um superpoder da pior maneira, tá ligado? Eles têm o superpoder na mão deles de exaltar ou diminuir alguém, de fazer a carreira de alguém estourar ou de enterrar alguém no anonimato para sempre. Eles têm esse poder, tá ligado? E eles sabem disso. E eles não se importam. E é isso. Acho que falta a mídia ser educada.”

LOC.: Lauriany

Hoje, o MC que nasce nas batalhas pode, e deve ocupar o mainstream. Mas sem esquecer de onde veio.

As batalhas de rima mostram que a rua nunca saiu de cena, só encontrou novas formas de se expressar. E é justamente dessas rodas de improvisos, que surgiram alguns dos nomes mais fortes do rap.

TÉC: Som baixo de “A RUA É NOIZ” - EMICIDA 0:8

*“Uns rimam por ter talento.
Eu rimo porque eu tenho uma missão”.*

Até a próxima.

TÉC: Sobe som de “A RUA É NOIZ” - EMICIDA até 0:20

*“Sou porta-voz de quem nunca foi ouvido
Os esquecidos lembram de mim,
Porque eu lembro dos esquecidos
Tipo embaixador da rua”*

APÊNDICE D - Episódio 4 com Caveirinha



ROTEIRO PODCAST

ANTES DO HYPE		Lauriany Braquino de Souza
Data: 13/07/2025	Horário:	Duração: 16 minutos
Siglas: TÉC. = Técnica LOC. = Locutor VH. = Vinheta		

Episódio 4: Quando o rap virou trend: o mainstream e a era do trap | com Caveirinha

LOC.: Lauriany

Olá, eu sou a Lauriany Braquino e você está ouvindo o *Antes do Hype*.

TÉC: VH - ANTES DO HYPE

LOC.: Lauriany

Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream.

O **Antes do Hype** é uma produção que conta com apoio do **Rap em Foco**, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

No episódio passado, a gente mergulhou nas raízes das batalhas de rima para entender como elas ajudaram a fortalecer o gênero musical em todo o país.

Hoje, a conversa é outra: aqui acontece a virada de chave, onde o trap entra em cena e mostra uma nova fase do rap e da cultura hip hop no estado de São Paulo, onde a música vira trend.

TÉC: Trecho de Cartão Black - Caveirinha e Kayblack - 1:47 a 1:59

*“Resgatei meu cartão black
Liguei o KayBlack que até a atendente sorriu
Comprava na 25, e hoje na Lacoste
Eu deixei 25 mil”*

LOC.: Lauriany

Antes de virar trilha de novela, comercial de marca gigante e presença garantida nos festivais do país, o trap era uma bolha. Uma cena que crescia rápido, meio silenciosa, meio incompreendida mas extremamente poderosa.

O trap nasce na região sul dos Estados Unidos, nos anos 2000, marcado por batidas mais pesadas, uso constante de hi-hats acelerados e letras que falavam sobre sobrevivência, dinheiro e ambições.

No Brasil, a estética chegou primeiro pela internet, principalmente via YouTube e se misturou ao funk, às gírias e ao estilo de vida da quebrada.

É por isso que o trap brasileiro tem identidade própria: ele carrega a raiz do hip hop, mas com um visual e uma energia muito mais digital, pensada para as redes.

TÉC: Trecho de Vivências - Kayblack - 0:50 a 1:7

*“Ahn-ahn, e pra minha coroa uma mansão
Joga nos menor os cordão
Vão dizer que é ostentação
Mas eu digo que não, isso é superação
Filho, eu tô cumprindo a missão
Juro que vai girar o mundão
Tudo pronto pr'ocê chegar
Enxoval da Lala, já nasci campeão”*

LOC.: Lauriany

Essa mistura ajudou o gênero a se afastar daquela lógica das gravadoras tradicionais e se aproximar de um novo modelo: o algoritmo como palco principal.

E com o tempo, virou um fenômeno cultural e econômico.

Pra você ter uma ideia, desde 2020 o consumo de trap no Spotify cresceu 81%. 81%. É muita coisa.

E esse crescimento tem a ver com linguagem, estética e velocidade. O trap trouxe um jeito novo de se vestir, de escrever, de pensar na imagem.

E pra entender como esse movimento explodiu, eu chamei um dos nomes que viveu isso muito cedo, quase junto com o próprio crescimento do gênero: o Caveirinha.

TÉC: SONORA CAVEIRINHA FALANDO COMO COMEÇOU: 1:40 a 2:1

“Eu vi que ia virar mesmo, de verdade, quando, tipo, eu sabia que tinha um irmão que tava do meu lado, tá ligado? Junto comigo desde o início e tava ali disposto a parar a carreira dele para continuar com a minha, tá ligado? Então, é... A força de dois irmãos periféricos que têm o sonho de mudar a história da família, tá ligado?”

LOC.: Lauriany

O Caveirinha só tem 17 anos. Começou muito novo, com apoio do irmão, e viu a carreira tomar uma proporção que nem ele imaginava.

TÉC: SONORA CAVEIRINHA FALANDO CARINHO DO PÚBLICO: 2:32 a 2:42

“Eu sinto que a rapaziada me abraça como se eu fosse irmão deles mesmo, tá ligado? E fico muito feliz, eu consigo lidar bastante até com a internet, assim.”

LOC.: Lauriany

E esse é um ponto essencial para entender o trap. O gênero cresceu porque encontrou na internet um aliado perfeito.

Os vídeos nas redes sociais, muitas vezes chamados de “prévias” popularizou bastante o gênero, ainda mais quando ele chegou no Brasil e ainda havia pouco conhecimento sobre o que era de fato o trap.

Além da curiosidade, as batidas, letras e a forma simples de lançar os vídeos caiu no gosto e começou a transformar jovens em fenômenos musicais.

TÉC: TRECHO DE ‘DONO DA VERDADE - VEIGH’ - 0:56 a 1:3 - fade out

*“Por aqui, a gestão ainda continue nos conformes
Imagina essa querida contando pra amiga, que já deu pro capa da Forbes”*

LOC.: Lauriany

Foi assim com o Caveirinha, com o Veigh, com o Teto e com tantos outros que saíram do anonimato pra virarem trend. Mas nem sempre foi assim. Quando o Caveirinha escolheu o trap, o som ainda estava preso numa bolha.

TÉC: SONORA CAVEIRINHA FALANDO DO TRAP: 8:17 a 9:22

“Mano, fala a real, quando eu comecei a desenvolver, tipo assim, o trap na minha mente, antigamente era bem pequeno o trap na real, que meio que era uma bolha que as pessoas só estavam acostumadas a ouvir outras coisas, tá ligado? E o trap ainda tava numa bolha. E, tipo assim, eu era do funk, e aí eu sempre fui aquela pessoa que sempre gostei de vestir é tipo com o que eu tinha, e eu sempre quis me vestir diferente e sempre me baseei bastante, tá ligado? Nos rappers lá de fora, tipo 50cent, Young Thug, Roddy Rich, e eu sempre via que o kit que eles usavam era muito da hora, então eu vejo que ultimamente assim, até eu

mesmo, ando bastante do lado da moda agora, tá ligado, também. Então, acho que foi uma mudança para mim que eu olhei e falei: "Mano, foi necessário também, tá ligado?"

LOC.: Lauriany

O gênero explodiu tanto que virou parte da indústria do entretenimento. Hoje, marcas gigantes chamam trappers para campanhas; festivais colocam esses artistas no topo da programação; streamings lançam documentários; novelas tocam trap. É uma virada histórica. E junto com isso veio outra mudança: a independência.

TÉC: TRECHO DE ‘POETISAS NO TOPO 3’ - 3:12 a 3:21 - fade out

“Por onde eu passei, deixei marcas nesses sete anos de carreira

Atendi telefone, eu sou minha secretária

Negocieei contratos sérios, fui minha contadora

Budah Produções, olha pra Brendha, hoje empresária”

LOC.: Lauriany

O trap fez algo que o rap, lá atrás, já sinalizava, mas agora em escala industrial. Vários artistas passaram a criar suas próprias marcas, seus próprios selos, empresas de moda e canais de distribuição. É autonomia criativa, financeira e narrativa. Para muitos MCs, o trap virou abrigo, uma maneira nova de existir na música.

TÉC: SONORA CAVEIRINHA FALANDO DO TRAP: 9:23 a 10:3

“Por mais que o funk ainda esteja na minha vida, tá ligado? Gosto muito do funk. Qualquer gênero musical eu amo porque é música e é o que eu amo fazer, tá ligado? Mas o trap foi meio que um refúgio também para mim por aguentar muita pressão de tipo também minha na casa ser demolida, ver minha família passar tudo o que que passou, tá ligado? Eu acho que se eu não mudasse de o gênero da música aí, fazer algo diferente pra gente crescer mais, a bolha do trap e estourar essa bolha pra todo mundo ouvir, tá ligado? O que é trap realmente, acho que eu teria ficado louco, mano.”

LOC.: Lauriany

Com esse crescimento, manter um relacionamento estável com a mídia e estratégias de marketing a cada lançamento se tornou crucial. Além de trends e dancinhas no Tik Tok, muitos artistas apostam em festas de lançamentos, press kits, parcerias com influenciadores e até mesmo com marcas.

Porém, para Caveira, a mensagem ainda se torna o mais importante no meio disso tudo.

TEC: SONORA CAVEIRINHA FALANDO SOBRE ESTRATÉGIAS: 11:31 a 12:40

“Mano, na real, eu acho que por ser um trabalho nosso assim, a gente visa bastante também pelo que a internet vai falar, não só em si, pelo que eles vão falar. Acho que querendo ou não é consequência do que a gente quer mostrar um pouco do nosso trabalho, tá ligado? E acho que querendo ou não, um mérito mesmo fica meio que para a gente mesmo que está trabalhando em cima do negócio que que tipo assim, é pela minha carreira, tá ligado? E ver que muitas pessoas que estão em volta de mim, pela minha equipe, estão querendo trabalhar pelo meu sonho e pelos sonhos dela também. Mas eu creio que isso aí é meio que um mérito nosso também, tá ligado? A gente não visa só, ‘ai, vamos fazer isso porque o público está achando que isso e aquilo’, óbvio, tem que ter isso, com certeza. Eu acho que para gente assim eu viso que, mano é uma parada minha então tem que sair do jeito que a gente quer de verdade então vamos se empenhar no que a gente quer não que as pessoas estão falando.”

LOC.: Lauriany

Outra coisa que é comum no cenário do trap é a fan base. No meio de tudo isso, a vida de Caveirinha virou praticamente um fenômeno social. Assim como acontece com muitos outros artistas.

TEC: SONORA CAVEIRINHA FALANDO SOBRE FÃS: 16:40 a 17:23

“Mano, teve uma vez que eu tive que sair da escola porque tipo assim, todos os alunos conhecia eu, aí todo mundo saiu da da aula assim, ó, e foi para onde eu tava e aí todo mundo: “Caveirinha, que não sei o quê”, tipo, todo mundo gritando. E aí a diretoria ligou para a minha mãe pedindo para tirar eu da escola lá, urgente, senão eles iam, mano, ter que tirar o pessoal lá, ia ter que ligar para a mãe dos outros, que isso e aquilo, ia ferrar a escola. Eu falei: ‘não’. Aí, minha mãe me tirou da aula e aí eu fui para casa, mano. Aí eu peguei todas as provas, todos os negócios que tinha para fazer, fiz em casa e entreguei depois, tá ligado? Porque senão até as pessoas se acostumar, eu acho que é muito difícil, tá ligado?”

LOC.: Lauriany

É aí que a gente entende a dimensão do trap: Ele não é só um gênero musical, é um movimento que conecta milhões de jovens, cria novas referências e transforma vidas em velocidade máxima. E tudo isso a partir do mesmo ponto onde muita coisa começou: a rua, a internet e o improviso.

Eu fico por aqui. Até o próximo episódio!

APÊNDICE E - EPISÓDIO 5



ROTEIRO PODCAST

ANTES DO HYPE		Lauriany Braquino de Souza	
Data: 13/07/2025	Horário:	Duração: 16 minutos	
Siglas: TÉC. = Técnica LOC. = Locutor VH. = Vinheta			

Episódio 5: Além do hype: o rap que resiste | com Lauriany Braquino

LOC.: Lauriany

Olá, eu sou a Lauriany Braquino e você está ouvindo o *Antes do Hype*.

TÉC: VH - ANTES DO HYPE

LOC.: Lauriany

Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream.

O **Antes do Hype** é uma produção que conta com apoio do **Rap em Foco**, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

E este... é o último episódio da nossa primeira temporada do *podcast*. E talvez você me pergunte: “Lauriany, onde você quis chegar com tudo isso?”

Esse episódio é justamente para responder essa pergunta. Depois de mergulhar na história do hip hop, das batalhas, na virada do trap e na disputa por visibilidade, agora eu quero olhar para tudo que isso significou. Para a força que esse movimento tem, para as tensões que surgiram e para o que o rap se tornou quando, finalmente, o mainstream abriu as portas.

Quando tudo começou, o rap e os MCs de música urbana eram pauta indesejada. A grande mídia se afastava, recusava, tratava a cultura das periferias como produto menor. Mas o tempo passou... e hoje, essa mesma mídia disputa cada minuto de atenção vindo dessa cena. O que antes era marginal, agora virou manchete, virou tendência, virou audiência garantida.

Realities, programas de TV, comerciais, painéis gigantes em festivais: o mainstream finalmente abriu os braços para o rap. Ou pelo menos parece ter aberto.

Mas esse episódio é um convite para olhar mais fundo: até que ponto esse “abraço” é realmente uma conquista? E quando ele começa a virar cooptação?

TÉC: EFEITO SCRATCH DJ

Nos últimos anos, muita coisa mudou. Os MCs que antes dependiam de rádio, TV e grandes gravadoras, agora constroem sua própria trajetória de visibilidade. Redes sociais, videoclipes independentes, lives, selos próprios, distribuição digital. A autonomia virou regra e não exceção. Esse foi um dos principais aprendizados do projeto: grande parte da força dos artistas paulistas veio justamente do momento em que eles assumiram o próprio microfone.

A gente entendeu que a independência midiática não é só uma questão de alcance... mas de narrativa. Não é só ser visto, é decidir como será visto.

TÉC: TRECHO ‘POETISAS NO TOPO 3’ - 1:35 a 1:44

*“Essa gravadora quer te por na geladeira
Quer aproveitar da idade, da sua rima e sua beleza
Eles não quer algo que é bom
Quer algo que venda”*

Na construção deste podcast, escolhemos um caminho diferente. Sem entrevistas tradicionais, sem scripts rígidos. Apostamos na narrativa que se aproxima da rua, da estética e das sensibilidades desses artistas. Um jornalismo que entende a cultura urbana não como objeto de estudo distante, mas como prática viva, afetiva e política.

Esse formato permitiu algo essencial: respeitar a fala de quem sempre teve a voz atravessada pelos filtros da mídia tradicional. A cada episódio, ficou mais claro que essa escolha não era só estética, era ética, e totalmente coerente com o propósito do projeto.

Só que a autonomia dos MCs hoje convive com um novo tipo de tensão. A independência digital abriu portas, mas também criou outras dependências: algoritmos que definem relevância, contratos com marcas, pressão por engajamento, parcerias com casas de apostas. A liberdade criativa segue viva, mas negocia diariamente com a lógica do mercado.

TÉC: TRECHO AJULIACOSTA ‘O QUE A JULIA VAI SER?’ 0:54 a 1:14

*“Ok, vamos lá
Tempo para pensar no que a Julia Costa quer
Ter notoriedade em cima de uma atrocidade
Ganhar grana fácil mas esquece, não sou branca. Muda!
Talvez seja melhor eu tentar outro caminho
Fazer um som meia boca e depois divulgar tigrinho*

*Parece normal, mas eu tenho uma coisa: consciência social
Então, muda!”*

LOC.: Lauriany

Tudo isso mostra que a independência midiática não é um ponto final. É um processo. Em constante disputa. Em constante reinvenção.

O *Antes do Hype* chega ao fim reafirmando o que movia esse projeto desde o início: o jornalismo tem o papel de construir pontes. Pontes entre universos, entre públicos, entre histórias. Quando a gente olha para a música urbana com respeito, com cuidado e com entendimento das suas raízes, a gente transforma a forma como a cultura periférica é vista e mais do que isso, transforma a forma como ela é contada.

O que essa investigação mostrou é simples, mas poderosa: os MCs não precisam mais da validação da grande mídia para existirem. Eles são hoje protagonistas das próprias narrativas. Criam seus caminhos. Constroem seus públicos. Fazem sua história.

TÉC: TRECHO ‘OBRIGADO MAINSTREAM - FEBEM’ - 1:19 a 1:32

*“Pra escapar de Sig Sauer, correu em ziguezague
Correu tanto que hoje a voz ‘tá num comercial da Nike
Boca de nascente fala água sem saber
Ai de mim se um dia eu parar de correr (obrigado, mainstream)”*

LOC.: Lauriany

Porque, no fim, apesar do hype, dos palcos gigantes, das tendas de festival, das campanhas publicitárias, das parcerias e dos números... uma coisa continua igual desde o começo: O microfone ainda é uma ferramenta de resistência. De voz. De futuro.

E enquanto houver alguém disposto a rimar a própria história, o rap continua vivo. Transformando. Resgatando. Rompendo fronteiras.

TÉC: TRECHO DE ‘SE TUDO DER ERRADO AMANHÃ - RASHID’ - 1:46 a 2:17

*“Mano, bem antes dos destaque, mano
Pelas rua mais que Shimano
Era nóiz e foi dito ali que se cair vai ser rimando
Eu nunca esperei nada em troca, só escrevi, mano
E tô firmando*

*Se tudo der errado amanhã
Depois do amanhã ainda tô aqui, mano, vai
Eu comecei, era eu e Deus, mais nada
Cheio de problemas e treta, meu, mais nada
Cantando a vida minha e dos meus, mais nada
Querendo um caminho pra fugir do breu e mais nada”*

LOC.: Lauriany

Antes de encerrar, eu preciso agradecer. A todo mundo que ouviu cada episódio, que apoiou, que compartilhou, que vibrou junto. Às pessoas que me ajudaram na pesquisa, na produção, na inspiração. Esse projeto não existe sozinho. Ele é coletivo, ele é movimento, ele é cultura viva.

E se você gostou desta temporada, pode esperar: novas histórias, novos artistas e novas investigações estão a caminho. Essa experiência aqui é só o começo.

TÉC: De fundo tocar instrumental de ‘That’s My Way - Edi Rock’

Eu sou Lauriany Braquino, e esse foi o Antes do Hype. Obrigada por ouvir, por caminhar junto e por acreditar na força da cultura urbana.

TÉC: Sobe som de ‘That’s My Way - Edi Rock’

*“That’s my way and I go
Esse é meu caminho, e nele eu vou
Eu gosto de pensar que a luz do Sol
Vai iluminar o meu amanhecer
Mas se na manhã, o Sol não surgir
Por trás das nuvens cinzas, tudo vai mudar
A chuva abraçará e o berço vai abrir
A luz de um novo dia sempre vai estar
Pra clarear você”*

APÊNDICE F - Decupagem 1º episódio

00:00:01 - Olá, eu sou a Lauriany Branquinho e você está ouvindo o Antes do Hype.

00:00:03 - Vinheta: Tá no ar o Antes o Hype. O podcast que dá voz à cena urbana no Brasil.

00:00:16 - Introdução: Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream. O Antes do Hype é uma produção que conta com o apoio do Rap em Foco, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

00:00:35 - Lauriany: Para entender onde tudo começou, a gente precisa voltar no tempo.

00:00:38 - Efeito sonoro de rebobinar.

00:00:41 - Instrumental de disco music.

00:00:42 - Lauriany: Lá no finalzinho dos anos 60, comecinho dos anos 70, onde Nova York parecia ser o centro do mundo. Os clubes ferviam ao som da disco music, aquela pegada dançante, chique, que todo mundo associa com brilho, luz estroboscópica, John Travolta e pistas cheias. A era do luxo exagerado. A cidade parecia vibrante demais. Mas essa era só uma parte da história. Enquanto Manhattan brilhava, o Bronx principalmente a área sudoeste queimava. Literalmente.

00:01:08 - Efeito sonoro de sirene de bombeiro.

00:01:08 - Lauriany: Uma série de incêndios destruiu mais de 80% dos edifícios existentes na área. Algumas vezes o fogo era causado por gangues, mas principalmente por proprietários querendo receber o seguro. As ruas inteiras estavam destruídas. Não era incomum andar por quadras que pareciam cenários de guerra. O Bronx estava afundado numa decadência urbana pesada. Era violência policial, assaltos, falta de emprego, escolas sucateadas e pais sobrevivendo com ajuda do governo. Enquanto a elite dançava com glitter e taça de champanhe, o povo do Bronx tentava sobreviver. E mais do que sobreviver, eles precisavam de algo. Precisavam de perspectiva. De um caminho. E foi aí que surgiu uma resposta.

00:01:46 - Instrumental hip hop.

00:01:51 - Lauriany: DJ Kool Herc, um jamaicano que morava no prédio 1520 da Sedgwick Avenue. Tudo começou numa festa. Exato, uma festinha de prédio. Onde o DJ, decidiu tocar só os “breaks” das músicas, sabe? Aqueles trechos sem voz, só batida. A galera pirou. E aí, no embalo, começaram a rimar por cima das batidas. Sem saber, Kool Herc tava acendendo a primeira faísca do hip hop.

00:02:11 - Instrumental hip hop.

00:02:20 - Lauriany: Só que o hip hop não era só o som. Ele era o corpo no chão com o breakdance, era a arte no muro com o grafite, era a batida do DJ e o microfone dos MCs. Era uma resposta, era protesto, era uma forma de levar luz para a escuridão. Era também o grito da juventude preta e latina dizendo: “a gente tá aqui.” O hip hop demorou um pouco pra

atravessar o mapa. Mas quando chegou aqui no Brasil, bateu forte. Nos anos 80, o hip hop começou nas ruas e praças de São Paulo com o break dance. A galera colava com rádio a pilha, espelho no chão e mandava ver. Mas não demorou pro rap entrar pesado. E aqui no Brasil, diferente do que rolou no começo lá no Bronx, o som já chegou com missão. Lá fora, o hip hop nasceu como festa, era protesto também, claro, mas era mais para se afirmar, para se divertir e ocupar espaço. Aqui ele ganhou uma função muito clara: denunciar a violência policial, racismo, desemprego e gente vivendo com o mínimo.

00:03:10 - Música ‘Capítulo 4, Versículo 3’ de Racionais cantada por Hencrer: 60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.

00:03:37 - Lauriany: Aí veio a geração que mudou tudo: Racionais MCs, DMN, Consciência Humana, Realidade Cruel. Gente que botou a vida em cima do beat.

00:03:44 - Música ‘Capítulo 4, Versículo 3’ - Racionais: Uni-duni-tê o que eu tenho pra você. Um Rap venenoso ou uma rajada de PT. E a profecia se faz como previsto, 1997, depois de Cristo. A fúria negra ressuscita outra vez. Racionais, capítulo 4, versículo 3.

00:04:00 - Lauriany: Essa geração não só trouxe rimas afiadas, mas consolidou o rap como parte do hip hop brasileiro. Naquele momento, as quatro bases do movimento estavam bem firmes: o DJ, o MC, o grafite e o break dance. E em São Paulo, especialmente, a cena crescia nas ruas, nas estações de metrô, nas praças e nos bailes de periferia. Era comum ver crews de dança se apresentando no Largo São Bento, com gente de todos os cantos da cidade reunida para dançar, rimar e pintar. Aliás, o Largo São Bento virou praticamente um “marco zero” do hip hop nacional, e é reconhecido até hoje, com eventos e celebrações que relembram sua história e legado. E no meio dessa efervescência estava um dos nomes mais importantes para o início dessa história: Thaíde.

00:04:39 - Música ‘Hip Hop na Veia’ - Thaíde e DJ Hum: Como faz, eu vou te ensinar. Como faz para injetar. Se você quer esquecer dessa vida cheia. Esqueça e aplique, então, hip hop na veia. Até quando você vai se segurar. Sabendo que não há fuga dessa teia. Se você quer esquecer dessa vida cheia. Esqueça e aplique, então, hip hop na veia.

00:05:05 - Lauriany: Ele começou no break dance, mas logo encontrou no microfone uma nova forma de se expressar, formando dupla com DJ Hum e abrindo caminho para que o rap ganhasse cada vez mais espaço.

00:05:15 - Thaíde: O hip hop chegou aqui no Brasil em meados de 82 e teve seu ápice em 85. Nesse período eu ajudei na fundação de três gangues, a primeira foi Panteras Negras, a segunda Dragon Breakers, e a terceira Backspin, e Backspin até hoje está em atividade. A primeira imagem que eu vi de hip hop foi através da TV, eu vi alguém dançando break, girando de costas. Como eu era dançarino, já dançava soul, funk na época, então eu entendi aquilo como uma transição, uma evolução, uma continuação do que eu já fazia. Então, eu quis aprender aquilo imediatamente. Na verdade, não sabíamos do que se tratava realmente, né. Bem no início, a gente achava que era um movimento de dança que a gente podia se expressar, dançar e tal, e o tempo foi passando e a gente foi entendendo que a cultura hip hop, que também além da dança tem o grafite, tem a música rap, tem o DJ, e eu comecei a

entender, que a cultura hip hop, especificamente a música rap tinha mensagens sérias, mensagens importantes, políticas, através dos videocliques. Quando eu comecei a ver os videocliques, porque não tínhamos internet naquela época, o que chegava pouco para gente era revistas, que geralmente falavam sobre a dança em si, que é muito importante mas não é a única coisa. Não é o único elemento da cultura hip hop. A cultura hip hop tem quatro elementos básicos como eu acabei de dizer, o rap, o breaking, o grafite e o DJ, então, para gente entender isso demorou um tempo. Mas, a partir do momento que começamos a fazer parte dessa cultura ou permitir que essa cultura fizesse parte da nossa vida, levamos muito a sério, com muito respeito. Qual era a dificuldade de fazer rap naquela época? Eram todas as dificuldades, todas. Não se tinham estúdios nas quebradas. Na quebrada onde eu morava, por exemplo, eu não me lembro de ter um estúdio ali. Então a gente tinha que sair, atravessar a cidade, muitas vezes você passava três horas só pra chegar num ponto, chegar no estúdio e gravar meia hora, uma hora, e depois voltar de novo para sua casa, então ali era no mínimo duas horas de viagem. Eu cansei de ficar três horas na rua, só pegando ônibus e metrô para chegar no estúdio e gravar. Era bem difícil. As pessoas não conheciam esse tipo de música, não era uma música que tocava toda hora na rádio, ainda não tínhamos os ídolos do rap nacional naquela época. Era bem difícil, bem difícil mesmo. Fora a repressão policial, né? Mas valeu a pena. Um dos momentos mais marcantes para mim, foi quando eu tive que explicar para o público o que era rap, eu não sei se alguém fez isso aqui no Brasil, mas eu fiz, eu lembro que era uma festa, um baile na zona Leste, não lembro qual era a equipe. Eu tinha duas músicas só na época, que era “Corpo Fechado” e “Homens da Lei”, essas músicas ainda não tinham sido lançadas, elas tinham acabado de ficar prontas, e como elas iriam sair em uma coletânea, nós tínhamos um tempo ainda para esperar os outros produtores, os outros artistas terminarem as músicas para o disco ser lançado, então eu estou falando aí, vamos dizer, que eu estou falando entre três, quatro meses antes do disco ficar pronto. Mas eu já fazia pequenas apresentações, e eu expliquei pro pessoal ‘vou fazer uma música aqui, chamada rap. Um estilo novo que tá chegando no país, e eu espero que vocês gostem. É uma música que fala dos nossos problemas, da nossa realidade’. Aí tinham algumas pessoas que viraram as costas, outras não queriam ouvir, sabe como que é? Outras pediam ‘samba-rock de novo’, e foi complicado, mas também aquela lembrança que me vem com um certo carinho, sabe? Eu, graças a Deus, fui, fui não, sou um desbravador do rap brasileiro, to na atividade até hoje, graças a Deus. O que mudou de lá pra cá na cultura hip hop posso dizer sem medo de errar: tudo mudou. Tudo mudou. Hoje nós temos estúdios espalhados por todo lugar, inclusive no celular, eu faço. Acho que eu tenho umas cinco músicas gravadas, que eu fiz no meu celular. Nós temos grandes nomes do grafite, grandes nomes do DJ, grandes nomes de tudo, todos os elementos, sabe? Do breaking, do grafite, DJ, rap. Você pesquisa, que você vai ver, você vai encontrar grandes destaques, e isso foi conquistado com muito sofrimento, muito suor e sangue também. Conseguimos popularizar uma música que denuncia as mazelas, que aponta o dedo na cara de quem precisa ser apontado. Colocamos o dedo na ferida. É uma música de protesto. O hip hop não inventou nada, o hip hop reinventou tudo, e dessa forma reinventou esse que vos fala. É o Altair Gonçalves, que tem seu alter ego Thaíde, que foi forjado pela cultura hip hop. A partir dessa cultura, eu me tornei dançarino, repórter, apresentador, ator, produtor, jornalista e estou em atividade até hoje. Então, eu só tenho a agradecer a cultura hip hop por isso. Vamo que vamo, que o hip hop não pode parar.

00:11:37 - Lauriany: O relato do Thaíde deixa claro que o hip hop não era só música. Era identidade, era pertencimento, era resistência cultural mesmo antes de se tornar resistência política explícita. Nos anos 90, com a popularização dos CDs, das fitas cassete e dos programas de rádio voltados para as quebradas, o hip hop brasileiro se espalhou por outros estados. Mas São Paulo manteve um papel central nessa história, revelando MCs, DJs, b-boys

e grafiteiros que até hoje são referência. E foi assim que o hip hop construiu suas raízes no Brasil.

00:12:04 - Instrumental hip hop.

00:12:10 - Lauriany: No próximo episódio, a gente vai falar sobre como esse movimento, que nasceu nas ruas, acabou batendo de frente com a grande mídia. Até a próxima!

00:12:15: Instrumental hip hop.

APÊNDICE G - Decupagem 2º episódio

00:00:01 - Olá, eu sou a Lauriany Branquinho e você está ouvindo o Antes do Hype.

00:00:03 - Vinheta: Tá no ar o Antes o Hype. O podcast que dá voz à cena urbana no Brasil.

00:00:16 - Introdução: Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream. O Antes do Hype é uma produção que conta com o apoio do Rap em Foco, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

00:00:35 - Lauriany: No episódio passado, a gente voltou para os anos 80 e 90 para entender como o hip hop nasceu e chegou ao Brasil. Hoje, a conversa é outra: a gente vai falar sobre resistência, sobre como o rap se mantinha firme mesmo quando a mídia tradicional fingia que ele nem existia. E claro, sobre como o Racionais MCs, um dos maiores grupos da música brasileira, decidiu construir a própria narrativa, longe das câmeras.

00:01:00 - Música ‘Vida Loka Pt2’ - Racionais: Deixa eu falar pra você, tudo, tudo vai, tudo é fase, irmão. Logo mais vamos arrebentar no mundão.

00:01:07 - Lauriany: Antes de ocupar capas de revistas, festivais, streaming e timelines inteiras, o hip hop teve que trilhar um caminho bem mais difícil. Na real, por muito tempo, o movimento foi ignorado, ou até mesmo distorcido, pela televisão, pelo rádio, pelos jornais. O rap era visto como uma ameaça, não como cultura. Além de ser frequentemente associado ao crime, a visão que tinham do movimento é que era algo para se manter longe. E um corte do podcast Brows retrata bem isso.

00:01:36 - Corte Podcast Brows: O rap nacional sempre foi muito mal compreendido. O meu pai não deixava eu ouvir rap para você ter noção. Ele tinha um preconceito. Eu quando explico para os caras, eles até entendem o lado do meu pai. Cara imagina, a gente morava em uma periferia da cidade, quando ele chegava do trampo tinha um monte de moleque na esquina vendendo droga e ouvindo Racionais. O cara tá no crime, tá ouvindo essa música, se meu filho ouvir essa música vai acontecer o que com ele? Vai entrar no crime amanhã. Ele falou que eu não podia ouvir rap.

00:02:00 - Lauriany: Mas isso não impediu o crescimento. Pelo contrário. Mesmo sem um grande apoio dos grandes veículos, o rap cresceu nas ruas, nas praças e nas quebradas. Era cultura feita entre iguais. E lá pelos anos 2000, a gente começa a ver uma virada. O rap nacional, que já vinha conquistando respeito, passa a ganhar espaço na grande mídia. Com o tempo, o gênero foi ganhando reportagens especiais, programas de auditório, matérias em revistas e, mais recentemente, séries e documentários de streaming que tratam o rap com a seriedade que ele sempre mereceu. Hoje em dia, nomes como Emicida, Mano Brown, Criolo, Marcelo D2 e Filipe Ret estão protagonizando narrativas que antes eram apagadas. E o mais importante: são eles que estão contando essas histórias. O rap assumiu a sua própria narrativa. E para saber como isso tudo aconteceu, a gente precisa entender o que é o rap e como ele se desdobrou em diferentes vertentes.

00:02:56 - Efeito sonoro de scratch de DJ.

00:02:27 - Lauriany: O rap é um dos pilares da cultura hip hop. Uma linguagem de protesto, de denúncia social, mas também de criatividade, estilo, inteligência e sobrevivência. Nas últimas décadas, ele se multiplicou. E uma das vertentes que mais ganhou força é o trap.

00:03:12 - Música ‘Novo Balanço - Veigh: É bem mais fácil ser visto agora. Hoje que nós tá forte, pra você, serviu. E não era assim, onde nós chega, nós forga.

00:03:23 - Lauriany: O trap surgiu nos Estados Unidos, mas se espalhou pelo mundo. No Brasil, ele misturou o peso do hip hop com o ritmo do funk, do sertanejo, e outras influências bem locais. A música urbana, que nasceu à margem, hoje reina nas playlists. Mas esse sucesso todo carrega uma história de resistência. Lá nos anos 90, colocar um clipe de rap no ar era missão quase impossível. Eu fui trocar uma ideia com KL Jay, o DJ dos Racionais MCs e um dos maiores nomes da cultura hip hop no Brasil, para entender melhor esse começo e por que, mesmo sem mídia, aconteceu esse crescimento absurdo.

00:03:56 - KL Jay: Ele sempre foi né, usado. O rap começou assim também, né. O rap é como se fosse, vamos dizer assim, o pai que muito jovem não teve. Um irmão mais velho que muita gente não teve. O rap é como se fosse um poste de luz em uma rua escura pra te direcionar o caminho. Através do rap são contadas histórias que muita gente vive, que muita gente se identifica, através do rap são dados conselhos que ninguém dá, através do rap, por exemplo, você tira a pessoa do vício da droga, tira a pessoa do crime. É uma música que tem um poder de influência muito grande, e é a música da rua, né. Então, o rap tem feito isso no passar dos anos, cada época é de um jeito, cada período tem um comportamento diferente, mas o rap continua influenciando milhões de gerações, né, milhões de jovens, milhões de pessoas através da música.

00:05:00 - Lauriany: O KL Jay deixa claro: o rap sempre foi uma espécie de guia, um escudo, um caminho, a educação. E isso nunca dependeu da mídia, dependia da rua.

00:05:09: Trecho Batalha da Aldeia 315 - Jotape x Barreto: Quando eu rimo, eu prego amor, eu prego a paz, antes de ter uma bíblia na minha mão, eu tinha o álbum do Racionais.

00:05:16 - Lauriany: E foi exatamente a rua que deu ao Racionais o espaço que faltava em outras mídias. Em uma entrevista ao Podpah, o Ice Blue contou uma história que diz muito sobre aquele momento. Ele explicou que, no começo, o disco do Racionais não tocava no rádio, não apareciam em programas mas rodavam através dos camelôs. O camelô foi o verdadeiro distribuidor do rap brasileiro. Foi ele que colocou o álbum do Racionais no ouvido da quebrada, muito antes de qualquer plataforma. Quando o grupo percebeu que o camelô era peça essencial na divulgação, eles abraçaram esse corre. E venderam o CD original diretamente para fonte, fortalecendo quem já fortalecia. Com o sucesso nas ruas, os convites começaram a aparecer. Porém, o grupo disse “não”. Mas por quê? Na mesma entrevista ao Podpah, Blue afirma que eles não se enxergavam ali. A TV não falava a língua deles. Não tinha gente parecida com eles na tela. Além da mídia ainda não entender o que era o gênero ‘rap’. Então, o Racionais escolheu não estar onde não havia pertencimento.

00:06:15 - Podpah Ice Blue: Primeiro, nós era de um estilo que não existia. Não existia musicalmente, não era considerado música. [...] Mas se você prestar atenção, não existia negros na grande mídia, principalmente na nossa época, então por que nós iríamos na grande mídia se não tinha nenhum semelhante meu lá?

00:06:40 - Lauriany: O hip hop cresceu sem pedir licença e se tornou um dos movimentos mais poderosos do país, mesmo quando a mídia não queria ouvir. E se hoje em dia o rap tá em todo lugar, é porque ele um dia precisou resistir para existir. Eu fico por aqui. Até o próximo episódio!

APÊNDICE H - Decupagem 3º episódio

00:00:01 - Olá, eu sou a Lauriany Branquinho e você está ouvindo o Antes do Hype.

00:00:03 - Vinheta: Tá no ar o Antes o Hype. O podcast que dá voz à cena urbana no Brasil.

00:00:16 - Introdução: Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream. O Antes do Hype é uma produção que conta com o apoio do Rap em Foco, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

00:00:35 - Lauriany: No episódio passado, a gente falou sobre como a mídia olhava, ou fingia não olhar para o rap. Dessa vez, a gente vai mergulhar nas raízes das batalhas de rima e entender como elas ajudaram a fortalecer o gênero musical em todo o país.

00:00:48 - Grito Batalha da Norte: Essa porra é sem corte, isso é Batalha da Norte. O que vocês querem ver? Sangue! Essa porra é sem corte, isso é Batalha da Norte. O que vocês querem ver? Sangue! Então vem no 'ou, 'ou, 'ou. Mata ele, caralho. Isso é Rib Hop, caralho. Pow Pow 'rá.

00:01:18 - Lauriany: O hip hop nasceu nas ruas do Bronx, cresceu nas periferias de São Paulo e se espalhou pelo país inteiro. Mas isso a gente já sabe. As batalhas de rima no Brasil começaram de forma orgânica, na rua, longe dos holofotes. Com um microfone improvisado, caixas de som trazidas de casa e MCs se revezando no improviso e testando criatividade, agilidade mental e, principalmente, resistência.

00:01:40 - Rima Guri: Mano, mas quantas batalhas você não viu que teve grito pra caralho e acima do baixo nível. Por isso eu não quero ouvir os gritos, meu parceiro, eu só quero ouvir freestyle de alto nível. Se você não tá entendendo o que eu digo, por isso que hoje você vai cair. Até porquê as maiores punchlines não tem os gritos, é igual refrigerante, quando abre faz 'tsss'

00:01:57 - Lauriany: Esse movimento, que tem raízes na cultura hip hop dos anos 1990 e 2000, encontrou no improviso um espaço de afirmação. Nas periferias, rimar era, e ainda é mais que um jogo de palavras. É disputar a narrativa, se afirmar no espaço público e resistir. Com o tempo, as batalhas se multiplicaram em várias cidades brasileiras. São Paulo se consolidou como referência com a Batalha da Santa Cruz, no coração da capital. Mas logo em seguida, em diferentes cantos do país, surgiram palcos improvisados para o rap. E das calçadas, as batalhas passaram a ocupar praças, metrô, grandes avenidas. O público cresceu, e a juventude encontrou ali não só entretenimento, mas também um caminho possível, e rimar passou a ser alternativa de vida. Era mais do que talento: era oportunidade.

00:02:44 - Guri MC: Salve, salve. Quem está falando aqui é João Lucas, mais conhecido como Guri MC, artista independente da cidade de Ribeirão Preto. Eu comecei a rimar na Batalha Sangue Na 7, que acontece na praça 7 de Setembro, em Ribeirão Preto. Em dezembro de 2016, eu comecei após passar pela fase complexa do luto do meu avô e tava ainda confuso em relação a como eu sentia e o que eu sentia. A morte é uma parada muito difícil de lidar e é o grande enigma da humanidade, né? O que fazer com a sensação do amor que perdura depois que uma vida não está mais presente. E eu estava passando por esse momento quando eu

conheci as batalhas presencialmente. Eu já assistia pelo YouTube, achava maneiro, sempre consumi a cultura hip-hop de alguma maneira, sendo alguns dos elementos e sempre consumi a música rap também e consumi as batalhas mais como entretenimento assim, mas, como, é, no momento em que eu vi pessoalmente a primeira vez, isso mudou minha vida e na semana seguinte eu já tava rimando sem saber rimar, tá ligado?

00:03:47 - Lauriany: Guri é parte de uma leva de artistas que viu o microfone se transformar em uma ferramenta de ascensão. E conforme as batalhas foram ganhando visibilidade, a estrutura também mudou. Com mais organização, visibilidade e dinheiro investido, o que antes era pura improvisação em espaços públicos e urbanos, virou projeto, com agenda, produção e até patrocínio. O Thiago Ventura contou em uma entrevista ao Podpah como surgiu a Tropa da Vents, que conta com um grupo de MCs.

00:04:14 Podpah Thiago Ventura: Eu queria poder dar uma ajuda de custo, tá ligado? Pra eles, mano. [...] Aí eu juntei os moleques tudo num dia e falei assim ‘oh rapaziada, trocar uma ideia, mano de fazer uma aula de canto, vamos ter um lugar pra vocês pelo menos saber onde se encontrar, vamos se juntar para treinar freestyle mesmo, um atacar o outro, fazer outras modalidades, tá ligado?’ [...] Eu queria que os moleques tivessem um pouco essa visão, de se não ser refém, de poder dar a carta.

00:04:40 - Lauriany: Com grupos como a Tropa da Vents, os MCs tiveram a possibilidade de viver de rima. Além de organizações que abraçaram o movimento, a rua se profissionalizou oferecendo premiações em dinheiro e levando as batalhas à eventos organizados com estrutura profissional. E foi nesse mesmo momento que a internet entrou em cena. As redes sociais mudaram o jogo. Canais de Youtube, páginas no Instagram e, mais recentemente, o Tik Tok, se tornaram vitrines. O que antes era visto só por quem estava lá na praça, agora ganha milhões de visualizações. Os Mcs começaram a monetizar, fechar publis, e transformar o improviso em fonte de renda real. Mas é importante dizer: isso não quer dizer que ficou fácil. Ainda hoje, os MCs precisam suar muito para conseguir viver somente da rima. Mesmo assim, esse é um pontapé inicial importante, e ele só aconteceu por causa do interesse público e da ascensão dos vídeos nas redes sociais, que fizeram o movimento ganhar visibilidade.

00:05:37 - Guri MC: E aí para mim aconteceu tarde, é, eu acho que teve muitas ameaças de vai acontecer e não aconteceu. A ponto de que quando realmente começou a acontecer, é, eu já não tinha tanta ânsia de ficar conhecido, de ser reconhecido, de viver disso. Eu já tava num momento bem assim, tipo, última tentativa, vai. Vou parar com essa parada, tá ligado? E aí foi. Então, acho que foi a sensação, a maneira que eu lidei e o momento em que eu percebi foram todas coisas naturais. Acredito que ali por 2022 foi onde eu falei: "Oxe, a mídia fala bastante de mim agora. Oxe, o pessoal tá falando bastante Ribeirão Preto". Então, tipo, o Guri, MC de Ribeirão Preto. Da hora, já tão olhando mais para cá.

00:06:17 - Lauriany: Mas o crescimento também trouxe novos desafios. Com o olhar da mídia, veio o risco de perder o controle sobre as narrativas.

00:06:24 - Guri MC: A mídia, ela não é vital para o rap acontecer e nem para o hip-hop acontecer, mas ela é vital para o hip-hop, rap e batalhas de rima teriam um efeito viral, tá ligado? Então, a importância que a mídia tem dentro do movimento é a de espalhar a mensagem, chegar em mais pessoas de maneira mais imediatista.

00:06:45 - Música ‘MIMIMI - Guri MC’: A morte do rap fede a mídias de internet, que dão ctrl c, ctrl v nos posts do Centro das Batalhas. Só muda a marca d'água, de quem faz menos que nós, mas lucra com a nossa cara.

00:06:57 - Guri MC: Mas a gente tem recrutado pessoas que tão de chapéu, que não fazem ideia do que tá acontecendo por causa do jeito que a mídia trata parada hoje em dia, tá ligado?

00:07:04 - Lauriany: A mídia tanto ajuda a amplificar quanto pode simplificar o que o movimento construiu.

00:07:09 - Guri MC: Então, para mim, a mídia é uma faca de dois gumes, é uma faca onde o cabo tá no meio, ela tem duas lâminas e uma está apontada pra gente e a outra tá apontada para o que a gente realmente deveria estar destruindo e combatendo, tá ligado? E às vezes a gente se fere mais do que combate. É isso. Então, tipo, eu sou um cara bem cri cri, bem chatinho com a mídia, tá ligado? Tipo, para mim, eu tô falando de um jeito educado, mas para mim é fogo neles, para mim tá tudo errado. Os caras usam um superpoder da pior maneira, tá ligado? Eles têm o superpoder na mão deles de exaltar ou diminuir alguém, de fazer a carreira de alguém estourar ou de enterrar alguém no anonimato para sempre. Eles têm esse poder, tá ligado? E eles sabem disso. E eles não se importam. E é isso. Acho que falta a mídia ser educada.

00:07:48 - Lauriany: Hoje, o MC que nasce nas batalhas pode, e deve ocupar o mainstream. Mas sem esquecer de onde veio. As batalhas de rima mostram que a rua nunca saiu de cena, só encontrou novas formas de se expressar. E é justamente dessas rodas de improvisos, que surgiram alguns dos nomes mais fortes do rap.

00:08:06 - Música ‘Triunfo - A Rua É Noiz - Emicida’: Uns rimam por ter talento. Eu rimo porque eu tenho uma missão. Sou porta-voz de quem nunca foi ouvido. Os esquecidos lembram de mim, porque eu lembro dos esquecidos. Tipo embaixador na rua.

00:08:17 - Lauriany: Até a próxima.

APÊNDICE I - Decupagem 4º episódio

00:00:01 - Olá, eu sou a Lauriany Branquinho e você está ouvindo o Antes do Hype.

00:00:03 - Vinheta: Tá no ar o Antes o Hype. O podcast que dá voz à cena urbana no Brasil.

00:00:16 - Introdução: Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream. O Antes do Hype é uma produção que conta com o apoio do Rap em Foco, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

00:00:35 - Lauriany: No episódio passado, a gente mergulhou nas raízes das batalhas de rima para entender como elas ajudaram a fortalecer o gênero musical em todo o país. Hoje, a conversa é outra: aqui acontece a virada de chave, onde o trap entra em cena e mostra uma nova fase do rap e da cultura hip hop no estado de São Paulo, onde a música vira trend.

00:00:54 - Música ‘Cartão Black’, de Kayblack e Caveirinha: Resgatei meu cartão black, liguei o Kayblack, que até a atendente sorriu. Comprava na 25 e hoje na Lacoste eu deixei 25 mil.

00:01:07 - Lauriany: Antes de virar trilha de novela, comercial de marca gigante e presença garantida nos festivais do país, o trap era uma bolha. Uma cena que crescia rápido, meio silenciosa, meio incompreendida mas extremamente poderosa. O trap nasce na região sul dos Estados Unidos, nos anos 2000, marcado por batidas mais pesadas, uso constante de hi-hats acelerados e letras que falavam sobre sobrevivência, dinheiro e ambições. No Brasil, a estética chegou primeiro pela internet, principalmente via YouTube e se misturou ao funk, às gírias e ao estilo de vida da quebrada. É por isso que o trap brasileiro tem identidade própria: ele carrega a raiz do hip hop, mas com um visual e uma energia muito mais digital, pensada para as redes.

00:01:51 - Música ‘Vivências’ - Kayblack: Ahn-ahn, e pra minha coroa uma mansão. Joga nos menor os cordão. Vão dizer que é ostentação, mas eu digo que não, isso é superação. Filho, eu to cumprindo a missão, juro que vai girar o mundão. Tudo pronto pro’cê chegar, exoval da Lala, já nasci campeão.

00:02:09 - Lauriany: Essa mistura ajudou o gênero a se afastar daquela lógica das gravadoras tradicionais e se aproximar de um novo modelo: o algoritmo como palco principal. E com o tempo, virou um fenômeno cultural e econômico. Pra você ter uma ideia, desde 2020 o consumo de trap no Spotify cresceu 81%. 81%. É muita coisa. E esse crescimento tem a ver com linguagem, estética e velocidade. O trap trouxe um jeito novo de se vestir, de escrever, de pensar na imagem. E para entender como esse movimento explodiu, eu chamei um dos nomes que viveu isso muito cedo, quase junto com o próprio crescimento do gênero: o Caveirinha.

00:02:46 - Caveirinha: Eu vi que ia virar mesmo, de verdade, quando, tipo, eu sabia que tinha um irmão que tava do meu lado, tá ligado? Junto comigo desde o início e tava ali disposto a parar a carreira dele para continuar com a minha, tá ligado? Então, é... A força de dois irmãos periféricos que têm o sonho de mudar a história da família, tá ligado?

00:03:09 - Lauriany: O Caveirinha só tem 17 anos. Começou muito novo, com apoio do irmão, e viu a carreira tomar uma proporção que nem ele imaginava.

00:03:17 - Caveirinha: Eu sinto que a rapaziada me abraça como se eu fosse irmão deles mesmo, tá ligado? E fico muito feliz, eu consigo lidar bastante até com a internet, assim.

00:03:26 - Lauriany: E esse é um ponto essencial para entender o trap. O gênero cresceu porque encontrou na internet um aliado perfeito. Os vídeos nas redes sociais, muitas vezes chamados de “prévias” popularizou bastante o gênero, ainda mais quando ele chegou no Brasil e ainda havia pouco conhecimento sobre o que era de fato o trap. Além da curiosidade, as batidas, letras e a forma simples de lançar os vídeos caiu no gosto e começou a transformar jovens em fenômenos musicais.

00:03:53 - Música ‘Dono da Verdade’ - Veigh: Por aqui, a gestão ainda anda nos conformes. Imagina essa querida contando pra amiga, que já deu pro capa da Forbes.

00:04:01 - Lauriany: Foi assim com o Caveirinha, com o Veigh, com o Teto e com tantos outros que saíram do anonimato para virarem trend. Mas nem sempre foi assim. Quando o Caveirinha escolheu o trap, o som ainda estava preso numa bolha.

00:04:13 - Caveirinha: Mano, fala a real, quando eu comecei a desenvolver, tipo assim, o trap na minha mente, antigamente era bem pequeno o trap na real, que meio que era uma bolha que as pessoas só estavam acostumadas a ouvir outras coisas, tá ligado? E o trap ainda tava numa bolha. E, tipo assim, eu era do funk, e aí eu sempre fui aquela pessoa que sempre gostei de vestir é tipo com o que eu tinha, e eu sempre quis me vestir diferente e sempre me baseei bastante, tá ligado? Nos rappers lá de fora, tipo 50cent, Young Thug, Roddy Rich, e eu sempre via que o kit que eles usavam era muito da hora, então eu vejo que ultimamente assim, até eu mesmo, ando bastante do lado da moda agora, tá ligado, também. Então, acho que foi uma mudança para mim que eu olhei e falei: "Mano, foi necessário também, tá ligado?"

00:05:19 - Lauriany: O gênero explodiu tanto que virou parte da indústria do entretenimento. Hoje, marcas gigantes chamam trappers para campanhas; festivais colocam esses artistas no topo da programação; streamings lançam documentários e as novelas tocam esse tipo de música. É uma virada histórica. E junto com isso veio outra mudança: a independência.

00:05:39 - Música ‘Poetisas no Topo 3’ - part Budah: Por onde eu passei, deixei marca nesses sete anos de carreira. Atendi telefone, eu sou minha secretária. Negocieei contratos sérios, fui minha contadora. Buda Produções, olha pra Brendha, hoje empresária.

00:05:48 - Lauriany: O trap fez algo que o rap, lá atrás, já sinalizava, mas agora em escala industrial. Vários artistas passaram a criar suas próprias marcas, seus próprios selos, empresas de moda e canais de distribuição. É autonomia criativa, financeira e narrativa. Para muitos MCs, o trap virou abrigo, uma maneira nova de existir na música.

00:06:08 - Caveirinha: Por mais que o funk ainda esteja na minha vida, tá ligado? Gosto muito do funk. Qualquer gênero musical eu amo porque é música e é o que eu amo fazer, tá ligado? Mas o trap foi meio que um refúgio também para mim por aguentar muita pressão de tipo também minha na casa ser demolida, ver minha família passar tudo o que que passou, tá ligado? Eu acho que se eu não mudasse de o gênero da música aí, fazer algo diferente pra

gente crescer mais, a bolha do trap e estourar essa bolha pra todo mundo ouvir, tá ligado? O que é trap realmente, acho que eu teria ficado louco, mano.

00:06:49 - Lauriany: Com esse crescimento, manter um relacionamento estável com a mídia e estratégias de marketing a cada lançamento se tornou crucial. Além de trends e dancinhas no Tik Tok, muitos artistas apostam em festas de lançamentos, press kits, parcerias com influenciadores e até mesmo com marcas. Porém, para Caveira, a mensagem ainda se torna o mais importante no meio disso tudo.

00:07:09 - Caveirinha: Mano, na real, eu acho que por ser um trabalho nosso assim, a gente visa bastante também pelo que a internet vai falar, não só em si, pelo que eles vão falar. Acho que querendo ou não é consequência do que a gente quer mostrar um pouco do nosso trabalho, tá ligado? E acho que querendo ou não, um mérito mesmo fica meio que para a gente mesmo que está trabalhando em cima do negócio que que tipo assim, é pela minha carreira, tá ligado? E ver que muitas pessoas que estão em volta de mim, pela minha equipe, estão querendo trabalhar pelo meu sonho e pelos sonhos dela também. Mas eu creio que isso aí é meio que um mérito nosso também, tá ligado? A gente não visa só, 'ai, vamos fazer isso porque o público está achando que isso e aquilo', óbvio, tem que ter isso, com certeza. Eu acho que para gente assim eu visio que, mano é uma parada minha então tem que sair do jeito que a gente quer de verdade então vamos se empenhar no que a gente quer não que as pessoas estão falando.

00:08:18 - Lauriany: Outra coisa que é comum no cenário do trap é a fan base. No meio de tudo isso, a vida de Caveirinha virou praticamente um fenômeno social. Assim como acontece com muitos outros artistas.

00:08:29 - Caveirinha: Mano, teve uma vez que eu tive que sair da escola porque tipo assim, todos os alunos conhecia eu, aí todo mundo saiu da da aula assim, ó, e foi para onde eu tava e aí todo mundo: "Caveirinha, que não sei o quê", tipo, todo mundo gritando. E aí a diretoria ligou para a minha mãe pedindo para tirar eu da escola lá, urgente, senão eles iam, mano, ter que tirar o pessoal lá, ia ter que ligar para a mãe dos outros, que isso e aquilo, ia ferrar a escola. Eu falei: 'não'. Aí, minha mãe me tirou da aula e aí eu fui para casa, mano. Aí eu peguei todas as provas, todos os negócios que tinha para fazer, fiz em casa e entreguei depois, tá ligado? Porque senão até as pessoas se acostumar, eu acho que é muito difícil, tá ligado?

00:09:11 - Lauriany: É aí que a gente entende a dimensão do trap: Ele não é só um gênero musical, é um movimento que conecta milhões de jovens, cria novas referências e transforma vidas em velocidade máxima. E tudo isso a partir do mesmo ponto onde muita coisa começou: a rua, a internet e o improviso. Eu fico por aqui. Até o próximo episódio!

APÊNDICE J - Decupagem 5º episódio

00:00:01 - Olá, eu sou a Lauriany Branquinho e você está ouvindo o Antes do Hype.

00:00:03 - Vinheta: Tá no ar o Antes o Hype. O podcast que dá voz à cena urbana no Brasil.

00:00:16 - Introdução: Esse podcast mistura história, cultura e claro, jornalismo, pra contar como os MCs de São Paulo, que durante muito tempo foram ignorados pela grande mídia criaram os próprios caminhos, e hoje tão dominando o mainstream. O Antes do Hype é uma produção que conta com o apoio do Rap em Foco, que me abriu portas, vozes e histórias dentro da cena.

00:00:35 - Lauriany: E este... é o último episódio da nossa primeira temporada do podcast. E talvez você me pergunte: “Lauriany, onde você quis chegar com tudo isso?” Esse episódio é justamente para responder essa pergunta. Depois de mergulhar na história do hip hop, das batalhas, na virada do trap e na disputa por visibilidade, agora eu quero olhar para tudo que isso significou. Para a força que esse movimento tem, para as tensões que surgiram e para o que o rap se tornou quando, finalmente, o mainstream abriu as portas. Quando tudo começou, o rap e os MCs de música urbana eram pauta indesejada. A grande mídia se afastava, recusava, tratava a cultura das periferias como produto menor. Mas o tempo passou... e hoje, essa mesma mídia disputa cada minuto de atenção vindo dessa cena. O que antes era marginal, agora virou manchete, virou tendência, virou audiência garantida. Realities, programas de TV, comerciais, painéis gigantes em festivais: o mainstream finalmente abriu os braços para o rap. Ou pelo menos parece ter aberto. Mas esse episódio é um convite para olhar mais fundo: até que ponto esse “abraço” é realmente uma conquista? E quando ele começa a virar cooptação?

00:01:41 - Efeito sonoro de DJ

00:01:42 - Lauriany: Nos últimos anos, muita coisa mudou. Os MCs que antes dependiam de rádio, TV e grandes gravadoras, agora constroem sua própria trajetória de visibilidade. Redes sociais, videocliques independentes, lives, selos próprios, distribuição digital. A autonomia virou regra e não exceção. Esse foi um dos principais aprendizados do projeto: grande parte da força dos artistas paulistas veio justamente do momento em que eles assumiram o próprio microfone. A gente entendeu que a independência midiática não é só uma questão de alcance... mas de narrativa. Não é só ser visto, é decidir como será visto.

00:02:18 - Música ‘Poetisas no Topo’ - Part Ajuliacosta: Essa gravadora quer te por na geladeira, quer aproveitar da idade, da sua rima e sua beleza. Eles não quer algo bom, só quer algo que venda.

00:02:25 - Lauriany: Na construção deste podcast, escolhemos um caminho diferente. Sem entrevistas tradicionais, sem scripts rígidos. Apostamos na narrativa que se aproxima da rua, da estética e das sensibilidades desses artistas. Um jornalismo que entende a cultura urbana não como objeto de estudo distante, mas como prática viva, afetiva e política. Esse formato permitiu algo essencial: respeitar a fala de quem sempre teve a voz atravessada pelos filtros da mídia tradicional. A cada episódio, ficou mais claro que essa escolha não era só estética, era ética, e totalmente coerente com o propósito do projeto. Só que a autonomia dos MCs hoje convive com um novo tipo de tensão. A independência digital abriu portas, mas também criou outras dependências: algoritmos que definem relevância, contratos com marcas, pressão por

engajamento, parcerias com casas de apostas. A liberdade criativa segue viva, mas negocia diariamente com a lógica do mercado.

00:03:23 - Música ‘O Que a Julia Vai Ser?’ - Ajuliacosta: Ok, vamos lá. Tempo para pensar no que a Julia Costa quer. Ter notoriedade em cima de uma atrocidade. Ganhar grana fácil mas esquece, não sou branca. Muda! Talvez seja melhor eu tentar outro caminho. Fazer um som meia boca e depois divulgar tigrinho. Parece normal, mas eu tenho uma coisa: consciência social. Então, muda!”

00:03:42 - Lauriany: Tudo isso mostra que a independência midiática não é um ponto final. É um processo. Em constante disputa. Em constante reinvenção. O Antes do Hype chega ao fim reafirmando o que movia esse projeto desde o início: o jornalismo tem o papel de construir pontes. Pontes entre universos, entre públicos, entre histórias. Quando a gente olha para a música urbana com respeito, com cuidado e com entendimento das suas raízes, a gente transforma a forma como a cultura periférica é vista e mais do que isso, transforma a forma como ela é contada. O que essa investigação mostrou é simples, mas poderosa: os MCs não precisam mais da validação da grande mídia para existirem. Eles são hoje protagonistas das próprias narrativas. Criam seus caminhos. Constroem seus públicos. Fazem sua história.

00:04:30 - Música ‘Obrigado Mainstream’ - Febem: Para escapar de Sig Sauer, correu em ziguezague. Correu tanto que hoje a voz tá num comercial da Nike. Boca de nascente fala água sem saber. Aí de mim se um dia eu parar de correr (obrigado, mainstream).

00:04:44 - Lauriany: Porque, no fim, apesar do hype, dos palcos gigantes, das tendas de festival, das campanhas publicitárias, das parcerias e dos números... uma coisa continua igual desde o começo: O microfone ainda é uma ferramenta de resistência. De voz. De futuro. E enquanto houver alguém disposto a rimar a própria história, o rap continua vivo. Transformando. Resgatando. Rompendo fronteiras.

00:05:09 - Música ‘Se Tudo Der Errado Amanhã’ - Rashid: Mano, bem antes dos destaque, mano. Pelas ruas mais que Shimano. Era nóiz e foi dito ali que se cair vai ser rimando. Eu nunca esperei nada em troca, só escrevi, mano, e tô firmando. Se tudo der errado amanhã, depois do amanhã ainda tô aqui, mano, vai. Eu comecei, era eu e Deus, mais nada. Cheio de problemas e treta, meu, mais nada. Cantando a vida minha e dos meus, mais nada. Querendo um caminho para fugir do breu e mais nada.

00:05:39 - Lauriany: Antes de encerrar, eu preciso agradecer. A todo mundo que ouviu cada episódio, que apoiou, que compartilhou, que vibrou junto. Às pessoas que me ajudaram na pesquisa, na produção, na inspiração. Esse projeto não existe sozinho. Ele é coletivo, ele é movimento, ele é cultura viva. E se você gostou desta temporada, pode esperar: novas histórias, novos artistas e novas investigações estão a caminho. Essa experiência aqui é só o começo.

00:06:04 - Instrumental ‘That’s My Way’ - Edi Rock.

00:00:00 - Lauriany: Eu sou Lauriany Braquino, e esse foi o Antes do Hype. Obrigada por ouvir, por caminhar junto e por acreditar na força da cultura urbana.

